PLACAR

ENTREVISTA
Fernando Seabra, o jovem técnico que lidera reação do Cruzeiro

BASTIDORES
As trapalhadas da Conmebol e da CBF nos Estados Unidos

COPA AMÉRICA DESASTROSA E ANTIPATIA FORA DO BRASIL DEVEM TIRAR O SONHADO PRÊMIO DE MELHOR DO MUNDO DE VINI JR. PESQUISA COM JORNALISTAS INTERNACIONAIS MOSTRA QUE O FAVORITO É OUTRO

BOLA DE OURO AMEAÇADA

AGORA A PLACAR CABE NA PALMA DA SUA MÃO

A TRADICIONAL REVISTA BRASILEIRA AGORA ESTÁ NO MUNDO DIGITAL PARA UNIR, EMOCIONAR, CONTAR E RECONTAR A MAIOR PAIXÃO DO BRASIL! SAIBA UM POUCO MAIS SOBRE PLACAR DIGITAL, O NOVO APP DA PLACAR!

Um novo jeito de curtir a paixão pelo futebol através de conteúdos, interações e recompensas, com toda a emoção e a credibilidade da PLACAR.

O app PLACAR Digital chegou para revolucionar a maneira como os torcedores vivenciam o futebol, oferecendo uma experiência única de conhecimento, entretenimento e diversão. Com a plataforma, os usuários podem se envolver em análises detalhadas de seus clubes favoritos, desfrutar de conteúdos exclusivos, acessar o calendário das partidas, ficar atualizados sobre as novidades com notificações e participar de sorteios de prêmios incríveis.

"PLACAR Digital proporciona uma jornada completa de imersão no mundo do futebol, combinando a paixão pelo esporte com informação de qualidade e diversão garantida", destaca Fábio Palma, CEO da ONEFAN, desenvolvedora do aplicativo. E tudo isso é possível graças a funcionalidades inovadoras e ao melhor conteúdo.

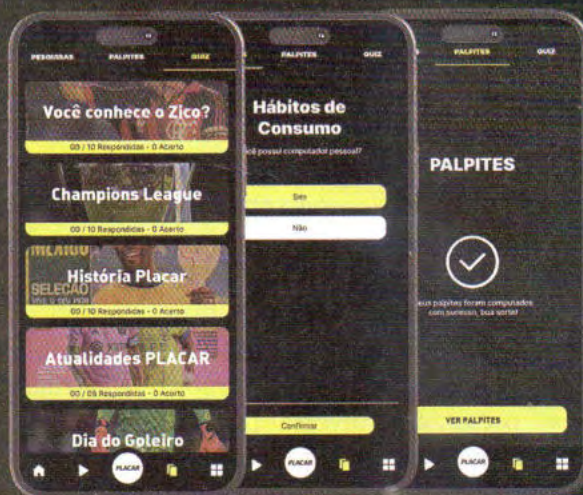
> **PLACAR Digital proporciona uma jornada completa de imersão no mundo do futebol**

Fábio Palma, CEO da ONEFAN, desenvolvedora do app PLACAR DIGITAL

1. CONTEÚDOS

Os usuários têm à disposição uma série de conteúdos diários para se manterem atualizados sobre o mundo do futebol, incluindo vídeos, notícias, entrevistas exclusivas e acesso aos bastidores, proporcionando uma experiência informativa e envolvente.

2. INTERAÇÕES

Os fãs têm a oportunidade de participar de quizzes temáticos, pesquisas e palpites de jogos e, com isso, ganhar moedas digitais, que podem ser trocadas por prêmios especiais.

3. RESGATES

Os torcedores podem aproveitar suas moedas conquistadas no app para resgatar super recompensas, como ativos digitais, descontos em lojas, lugares privilegiados em estádios pelo país e MUITO mais.

Experimente agora mesmo o app PLACAR! Digital e divirta-se.

A ARTE DE SUJAR OS SAPATOS

Lugar de repórter é na rua. Essa premissa do bom jornalismo tem, lamentavelmente, enfrentado percalços na era da tecnologia digital. As novidades circulam cada vez mais rapidamente na internet, nem sempre com a devida checagem e contextualização, e as mudanças na lógica de investimento têm mantido os profissionais da área enfurnados nas redações (ou mesmo em casa), com apurações e análises à distância e, portanto, menos precisas. PLACAR, porém, segue firme em seu propósito. Na carta do editor da edição número 1, de março de 1970, Victor Civita escreveu que "a crítica construtiva, a análise ponderada e a reportagem desassombrada e imparcial" eram a base da filosofia da revista. Os repórteres Leandro Quesada e Klaus Richmond cumpriram a missão durante os 28 dias de viagem pelos Estados Unidos para a cobertura da Copa América vencida pela Argentina.

A dupla passou por seis cidades, acompanhou seis jogos cada um e ouviu uma infinidade de personagens, desde transeuntes desavisados (que comprovaram que a competição não caiu nas graças dos americanos) até os protagonistas do espetáculo, como Vinicius Jr. e James Rodríguez. O trabalho está presente em diversas páginas da edição que você tem em mãos, como a reportagem de capa sobre a perda do favoritismo de Vini na corrida pela Bola de Ouro e o especial sobre as trapalhadas da Conmebol e da CBF na organização. PLACAR, obviamente, também se destacou no universo digital. Klaus Richmond escreveu 77 matérias para o site, enquanto Quesada participou ao vivo de 18 edições do programa Opinião PLACAR, exibido de segunda a sexta-feira, a partir das 11h30, na PLACAR TV. Nas redes sociais, a dupla produziu mais de uma centena de conteúdos de bastidores da competição, que ultrapassaram a marca de 10 milhões de impressões – com a fundamental retaguarda do time que varou madrugadas no Brasil.

É preciso sujar os sapatos. Quesada foi além e, diante do calor de 48 °C em Las Vegas, viu a sola de seu calçado literalmente derreter e se descolar. "Pelo menos comprei um tênis novo, baratinho, na outlet", brinca. "Mas vou mandar consertar o outro, velho de guerra." Seu celular também superaqueceu e "apagou" no meio de uma transmissão ao vivo. Ossos do ofício de quem tem a missão de pintar o colorido local e

FOTOS ARQUIVO PESSOAL

Klaus Richmond e Leandro Quesada, no Levi's Stadium, em Santa Clara: Mustang vermelho amenizou decepção pelo derretimento do sapato (que foi para o conserto, não para o lixo, garante o experiente repórter)

CAPA: MONTAGEM SOBRE FOTOS DE FRANCE FOOTBALL E LA LIGA

transportar ouvinte, telespectador e leitor à cena dos fatos. Mas nem tudo foi perrengue. "Em San José, na hora de buscar o carro que havíamos alugado, houve um erro e ele não estava disponível. Eu avistei um Mustang vermelho e brinquei: 'Bem que poderíamos pegar esse no lugar'. A moça concordou e saímos acelerando com estilo", diz Quesada.

Ser testemunha ocular da história, marcante slogan do Repórter Esso, pioneiro do radiojornalismo brasileiro na década de 1940, requer responsabilidade. Ter critério nas críticas e nos elogios e não confundir patriotismo com falta de ética. A Copa América na terra dos reis do marketing abriu ainda mais espaço aos influenciadores e torcedores com microfone. "Já tínhamos visto esse fenômeno no Mundial do Catar, e agora piorou. E o mais grave é que os jogadores estão parando para falar mais com os influencers e bajuladores", conta Quesada, que cobriu sete Copas do Mundo *in loco*. "Na imprensa dos outros países é até pior. Cansamos de ver torcedor na tribuna de imprensa, batendo na mesa, gritando e não se comportando adequadamente", completa Klaus, que estreou em coberturas internacionais de seleção brasileira. Há espaço para todos, e é claro que há profissionais competentes e sensatos no ramo do entretenimento. Mas PLACAR persiste orgulhosa vestindo a camisa do jornalismo e agradece imensamente aos parceiros Betano, Centauro e PagBank, que possibilitaram a cobertura, e aos fãs que acompanharam o primoroso esforço da equipe, lá e cá. Que venham as próximas! ■

revistaplacar
@placartv
@placar
placar.com.br
contato@placar.com.br

ÍNDICE

PLACAR

A marca PLACAR é licenciada pela Editora Score Ltda. e produzida pela Editora Abril

Publisher: Alan Zelazo

CEO: Gustavo Leme
Redator-chefe: Luiz Felipe Castro
Editor de Fotografia: Alexandre Battibugli
Editor de Arte: LE Ratto
Repórteres: André Avelar, Enrico Benevenutti, Klaus Richmond e Rodolfo Rodrigues
Diretor Comercial: Sandro Santos
Executivo Comercial: Milton Lima
Planejamento: Guilherme Fortis
Mídias Sociais: Bruno de Giovanni, Gabriel Rodrigues, Jessica Gomes, Jéssica Souza e Marcio Komesu
Estagiários: Guilherme Azevedo, Mari Simões e Pedro Cohem
Revisão: Renato Bacci
Equipe de vídeo: João Vitor Fagá e Marcelo "Celu" Lima

Colaborou com esta edição:
Kaio Figueiredo (pesquisa de fotos)

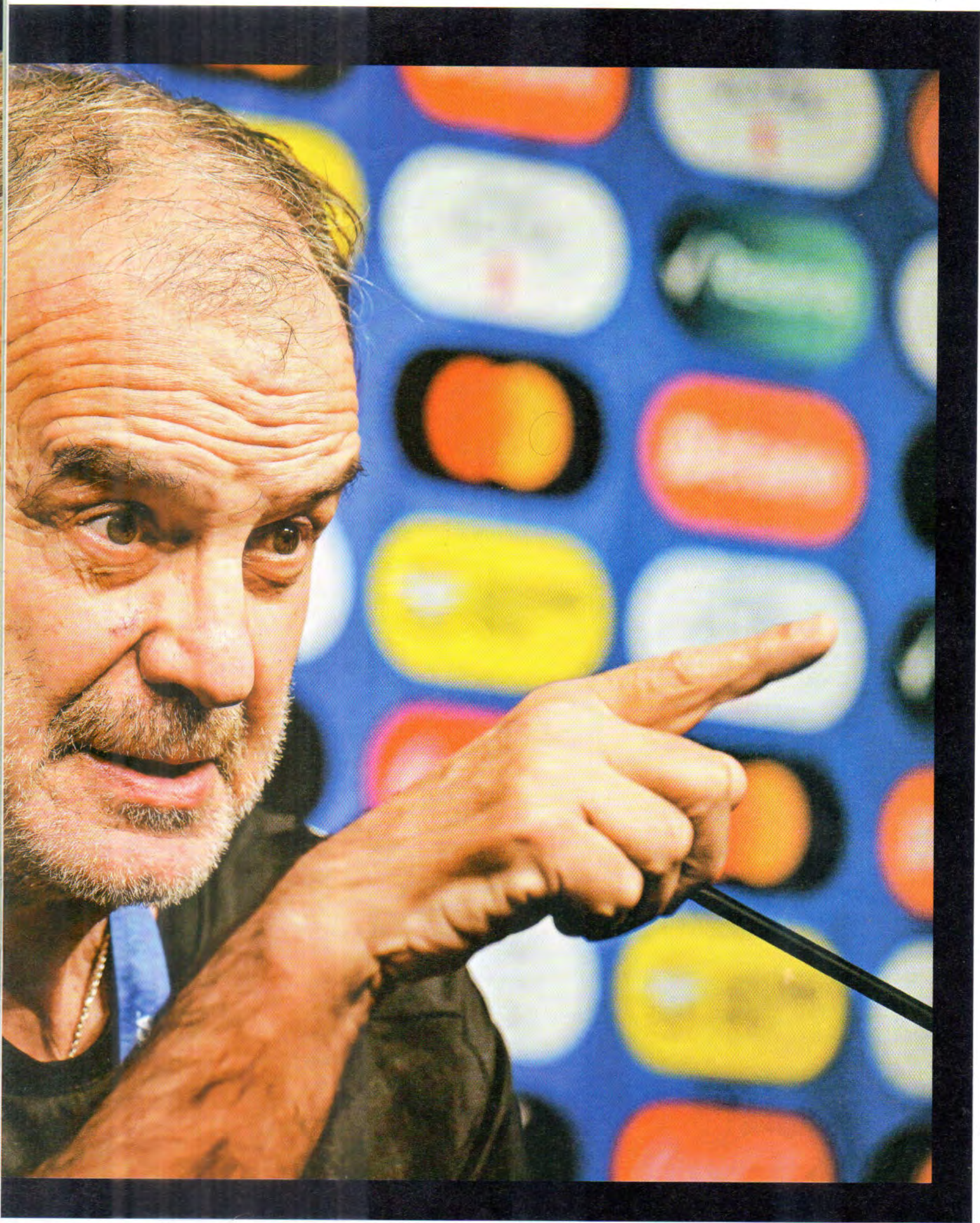
Redação e Correspondência:
Av. Magalhães de Castro, 4800 - Torre Continental, 9º andar Cidade Jardim, São Paulo (SP), CEP 05676120

PLACAR 1514 (EAN: 789.3614.11308-1), ano 54, é uma publicação mensal da Editora Score. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

O MAIS SENSATO DOS LOUCOS

Marcelo Bielsa, técnico argentino que dirige a seleção uruguaia, costuma repetir que sua carreira não é movida por dinheiro ou fama, mas pelas fortes emoções que o futebol lhe produz. Uma lembrança mexe especialmente com o homem de 69 anos, apelidado de "El Loco" em razão de seus métodos peculiares: a final da Libertadores de 1992, em que seu Newell's Old Boys foi derrotado pelo São Paulo de Telê Santana. Prova disso foi sua reação diante do repórter Leandro Quesada, da PLACAR, que nem sequer conseguiu terminar seu questionamento sobre o retrospecto de Bielsa contra brasileiros. "Uh, isso sim era outro futebol", suspirou Bielsa, antes de, a seu estilo, brindar os presentes com uma reflexão. "O São Paulo tinha um treinador monumental e uma formação com jogadores da seleção jogando no futebol local antes de ir à Europa. Então, pense no que aconteceu ao pobre futebol sul-americano [...]. O futebol de origem popular já não existe mais, porque aos 17 anos Endrick e o outro *winger* do Palmeiras [Estêvão] já foram vendidos..." A sensibilidade de Quesada fez o treinador quebrar seu próprio protocolo. Bielsa, que costuma olhar fixamente para baixo nas entrevistas, fez questão de encarar os olhos do brasileiro, em uma das cenas impactantes do torneio nos EUA.

FREDERIC J. BROWN/AFP

COMPROVADO: SÃO HUMANOS

Cristiano Ronaldo e Lionel Messi definitivamente não brilharam em suas últimas competições continentais, mas protagonizaram duas das cenas mais comoventes dos torneios – ambos sem bola, à beira do gramado. Em 1º de julho, o português caiu em prantos após perder um pênalti diante da Eslovênia, pelas oitavas de final da Eurocopa. Consolado pelos colegas, se redimiu na decisão por pênaltis, mas não evitou a eliminação lusitana na fase seguinte, diante da França, e se despediu da competição da qual é o maior artilheiro sem nenhum tento. "Sem dúvida, é minha última Euro. Mas não fico emocionado por isso, é por tudo, pelo entusiasmo que tenho pelo jogo, pelos torcedores e por meus companheiros", explicou CR7, que já havia chorado em uma derrota de seu clube, o Al-Nassr, neste ano. Messi, por sua vez, foi às lágrimas ao deixar a final contra a Colômbia lesionado. Pouco depois, com o tornozelo inchado e sorriso no rosto, ergueu o bicampeonato do qual foi mero coadjuvante, com apenas um gol anotado. Ambos desconversam sobre a possibilidade de chegarem à Copa de 2026 (Cristiano terá 41 anos e Messi, 39), mas é visível que o triste fim está próximo (*leia mais sobre a troca de guarda no futebol na página 24*). Robôs e extraterrestres também se emocionam – e infelizmente não duram para sempre.

1
18

AFP

AU REVOIR, FREGUESIA

O grito estava entalado. Ao superar as defensoras na velocidade e tocar na saída da goleira Picaud, aos 36 do segundo tempo no estádio La Beaujoire, em Nantes, Gabi Portilho pôs fim a uma longa seca. Em 11 jogos contra a França, a seleção brasileira feminina jamais havia vencido (acumulava quatro empates e sete derrotas, duas delas nas últimas Copas do Mundo, nas oitavas de final de 2019 e na primeira fase em 2023). Tudo indicava que a freguesia se manteria, já que nas quartas da Olimpíada de Paris o Brasil tinha dois desfalques de peso: a zagueira Antônia, lesionada, e a capitã Marta, expulsa de forma tola na derrota para a Espanha. Além disso, a derrota de virada para o Japão e a impotência do time diante das espanholas desautorizavam o otimismo. Mas a equipe dirigida por Arthur Elias juntou os cacos e conseguiu calar a torcida francesa em um jogo com contornos épicos. Logo no início, a goleira Lorena, do Grêmio, voltou a brilhar, com sua segunda defesa de pênalti do torneio, em chute de Karchaoui. O duelo seguiu intenso e equilibrado, e o esforço de Portilho foi recompensado com o histórico tento. A atacante do Corinthians ainda acertou a trave antes de a arbitragem quase infartar as brasileiras com intermináveis 16 minutos (e mais um pouco) de acréscimos. Ufa! Finalmente, deu Brasil.

'NÃO ESPERAVA TUDO ISSO'

Foi em uma cerimônia bastante emotiva, diante de mais de 30 000 torcedores no Santiago Bernabéu, que Endrick vestiu pela primeira vez (como funcionário) o mítico uniforme branco. "Não vou mentir. Não esperava tudo isso, tanta gente assim. Desde pequeno era torcedor, e hoje vou jogar pelo Real Madrid", discursou, em bom espanhol, o prodígio brasileiro de 18 anos. O pai, Douglas – que diz que por pouco não batizou o filho de Di Stéfano em homenagem à primeira grande lenda merengue –, não conteve o orgulho e caiu no choro, bem como a mãe, Cíntia, a namorada, Gabriely, e o próprio atacante revelado pelo Palmeiras. O presidente Florentino Pérez, que desembolsou 35 milhões de euros (além de 25 milhões variáveis) pela nova joia brasileira, se mostrou convicto de sua escolha. "Endrick nasceu para jogar no Real Madrid. Com ele, seguimos a política de ter os melhores jogadores do mundo e os melhores jovens, as estrelas emergentes." O garoto, que terá a dura missão de brigar por espaço num ataque estrelado (e que ainda ganhou o reforço de ninguém menos que Kylian Mbappé), recebeu a camisa 16, a mesma que utilizou em seus primeiros jogos pelo Verdão – e número que passa a ser a obsessão do clube 15 vezes vencedor da Champions League.

AFP

ADEUS, FAVORITIS

Deslize fatal: cartão amarelo tolo tirou Vini do duelo decisivo contra o Uruguai

GETTY IMAGES

MO

PROTAGONISMO PELO REAL MADRID INDICAVA VINICIUS JR. COMO PRIMEIRO BOLA DE OURO BRASILEIRO DESDE KAKÁ EM 2007. NO ENTANTO, COPA AMÉRICA DESASTROSA E FATORES QUE CAUSAM ANTIPATIA IMPLODIRAM SUA CANDIDATURA. PESQUISA COM JORNALISTAS MOSTRA QUE O FAVORITO AGORA É OUTRO

Por: Klaus Richmond, Luiz Felipe Castro e Rodolfo Rodrigues
Design: LE Ratto

O cronômetro do Levi's Stadium, em Santa Clara, Califórnia, marcava apenas seis minutos do primeiro tempo quando deu-se o desafortunado lance: Vinicius Jr., tão acostumado a aplicar dribles, reagiu mal ao levar um chapéu de James Rodríguez e recebeu cartão amarelo pelo toque com o braço no rosto do colombiano. A punição o suspenderia do jogo seguinte, as quartas de final da Copa América contra o Uruguai, pois o atacante do Real Madrid havia recebido outro cartão diante do Paraguai, por reclamação, no fim de um duelo já resolvido – a seleção brasileira vencia por 4 a 1, com dois gols dele. Sem seu principal jogador, a equipe canarinho se despediu dos Estados Unidos com a derrota para a Celeste, nos pênaltis, após empate em 0 a 0. Das tribunas, Vini viu ruir não apenas o sonho do primeiro título pelo Brasil, mas também seu favoritismo aos prêmios de melhor jogador do mundo.

O jogador de 24 anos, bicampeão da Liga dos Campeões pelo Real Madrid, ambas as vezes marcando na final, sabe que decepcionou na condição de protagonista do Brasil, na ausência do lesionado Neymar. "Falhei ao tomar dois cartões amarelos evitáveis. Novamente assisti à eliminação do lado de fora. Mas, dessa vez, por culpa minha. Peço desculpas por isso. Sei ouvir as críticas e as mais duras, acreditem, vêm de dentro de casa", escreveu nas redes sociais. Foram apenas dois gols, nenhuma assistência e um punhado de contestações em solo americano. Em meio às férias, o filho mais famoso de São Gonçalo (RJ) assistia ao avanço de seus concorrentes à Bola de Ouro na Eurocopa na Alemanha. O que parecia uma remota ameaça tomou corpo, como comprova pesquisa realizada por PLACAR com 60 jornalistas de diversas partes do planeta. Vini Jr. não é mais o favorito ao prêmio da revista *France Football*, que será entregue em 28 de outubro, no Théâtre du Châtelet, em Paris. As razões para sua derrocada estão sujeitas a debate.

Depois de mais de 15 anos, a premiação francesa não contará com nenhum de seus dois maiores vencedores, Lionel Messi e Cristiano Ronaldo, que ganharam 13 dos últimos 15 troféus – apenas Luka Modric, em 2018, e Karim Benzema, em 2022, quebraram a hegemonia. O croata do Real Madrid ganhou o prêmio após levar seu país à final da Copa do Mundo da Rússia. Seis anos depois, outro meio-campista de rara classe figura como candidato mais forte à conquista, justamente depois de brilhar em um torneio de seleções: o volante Rodri, capitão da Espanha, campeão e cra-

Bicampeão: Vinicius deixou o dele na final da Champions diante do Borussia Dortmund

GETTY IMAGES

"VINI FOI QUEM JOGOU MELHOR, O MAIS CONSTANTE, O MAIS ESPETACULAR E O MAIS DECISIVO. CONQUISTOU TRÊS TÍTULOS PELO REAL, SENDO FUNDAMENTAL NOS TRÊS"

Juan Ignacio Ochoa, Marca (Espanha)

VINICIUS JÚNIOR
Atacante, 24 anos

48 JOGOS

27 GOLS

11 ASSISTÊNCIAS

102 MINUTOS PARA PARTICIPAR DE GOL

72 PASSES DECISIVOS

141 FINALIZAÇÕES (68 NO GOL)

128 DRIBLES CERTOS

7,36 NOTA SOFASCORE

RODRI
Volante, 28 anos

65 JOGOS

12 GOLS

14 ASSISTÊNCIAS

129 DESARMES

103 PASSES DECISIVOS

93% ACERTO NO PASSE

60% DUELOS GANHOS

7,89 NOTA SOFASCORE

JUDE BELLINGHAM
Meia, 21 anos

53 JOGOS

26 GOLS

15 ASSISTÊNCIAS

109 MINUTOS PARA PARTICIPAR DE GOL

92 PASSES DECISIVOS

115 FINALIZAÇÕES (56 NO GOL)

109 DRIBLES CERTOS

7,86 NOTA SOFASCORE

KYLIAN MBAPPÉ
Atacante, 25 anos

62 JOGOS

52 GOLS

19 ASSISTÊNCIAS

70 MINUTOS PARA PARTICIPAR DE GOL

104 PASSES DECISIVOS

278 FINALIZAÇÕES (133 NO GOL)

162 DRIBLES CERTOS

7,88 NOTA SOFASCORE

*Números por clube e seleção

que da Euro. Na eleição promovida por PLACAR, que atribuiu seis pontos ao primeiro colocado, quatro ao segundo e três ao terceiro, emulando a Bola de Ouro (*confira os critérios do pleito e as diferenças em relação ao prêmio The Best, da Fifa, no quadro da página 22*), Rodri foi eleito com 217 pontos, contra 205 de Vinicius e 156 de Jude Bellingham. Antes das competições continentais, o meia inglês do Real, que logo em sua primeira temporada na Espanha assumiu a camisa 5 de Zidane e jogou o fino da bola, despontava como principal concorrente do amigo Vini. Mas, apesar de ter chegado à final da Euro e de ter marcado, de bicicleta diante da Eslováquia, um dos gols mais belos do ano, não manteve a regularidade necessária para convencer o júri. Kylian Mbappé, que também reforçará o esquadrão merengue, foi quem teve, com sobras, as melhores estatísticas de gols e assistências, mas a temporada frustrante por PSG e seleção francesa o alijou da disputa.

Já Rodri, de 28 anos, coroou mais uma temporada fabulosa, na qual chegou a ficar 74 jogos sem perder com a camisa do Manchester City, tetracampeão inglês de forma consecutiva. Apesar do estilo discreto, de quem facilita o jogo de seus companheiros com visão de jogo e passes precisos, foi eleito também o melhor jogador do Mundial de Clubes de 2023, em que a equipe inglesa atropelou o Fluminense por 4 a 0. Autor de 12 gols e 14 assistências na temporada, Rodri fez jus à condição de potencial Bola de Ouro, mas se favoreceu de deslizes de Vinicius Jr. na hora H – além de uma evidente antipatia ao brasileiro por parte da imprensa internacional e de adversários. O debate é subjetivo, mas tem nexo: componentes externos, como o racismo do

MVP: Rodri foi o facilitador da Espanha que derrubou favoritos na Eurocopa

GETTY IMAGES

"RODRI FOI ELEITO O MELHOR DA EURO, É O COMANDANTE DAS IDEIAS DE ESPANHA E UMA EXTENSÃO DE GUARDIOLA NA ERA DOURADA DO MANCHESTER CITY. NÃO SABE JOGAR MAL"

Pedro Cunha, Zerozero (Portugal)

O COLEGIADO DE PLACAR

*Revista ouviu **60** jornalistas de **21** países e atestou: volante espanhol Rodri tem mais chances de ser eleito*

TOP 10

1 Rodri
217 pontos

2 Vinicius Jr.
205 pontos

3 Bellingham
156 pontos

4 Lamine Yamal
37 pontos

5 Lautaro Martínez
32 pontos

6 Kylian Mbappé
29 pontos

7 Dani Carvajal
26 pontos

8 Lionel Messi
18 pontos

9 Toni Kroos
3 pontos

10 Dibu Martínez
9 pontos

10 Florian Wirtz
9 pontos

*Placar adotou a seguinte pontuação: 6 pontos para o eleito melhor do mundo; 4 pontos para o segundo e 3 pontos para o terceiro

1 SÉRGIO PIRES
Maisfutebol (Portugal)
1. Bellingham
2. Vinicius Jr.
3. Rodri

2 MANOLO DÁVILA
ChiringuitoTV (Venezuela)
1. Vinicius Jr.
2. Bellingham
3. Carvajal

3 PABLO CUPESE
El País (Uruguai)
1. Bellingham
2. Mbappé
3. Vinicius Jr.

4 GABRIEL ANGARITA
TV Cúcuta Plus (Colômbia)
1. Bellingham
2. Lamine Yamal
3. Dibu Martínez

5 IVAN ALEXIS
Radio La Deportiva (Paraguai)
1. Rodri
2. Carvajal
3. Lautaro Martínez

6 DUARTE MONTEIRO
Zerozero e DAZN (Portugal)
1. Bellingham
2. Rodri
3. Lamine Yamal

7 GASTÓN CARBAJAL
FM Del Sol (Uruguai)
1. Bellingham
2. Vinicius Jr.
3. Florian Wirtz

8 JUAN IGNACIO OCHOA
Marca (Espanha)
1. Vinicius Jr.
2. Bellingham
3. Rodrygo

9 EZEQUIEL YELÓS
AUF TV e DirecTV (OFI TV) (Uruguai)
1. Vinicius Jr.
2. Kylian Mbappé
3. Lionel Messi

10 PEDRO CUNHA
Zerozero (Portugal)
1. Rodri
2. Bellingham
3. Mbappé

11 MARTÍN LÓPEZ
Rádio KCH FM (Argentina)
1. Rodri
2. Vinicius Jr.
3. Lautaro Martínez

12 DIEGO BORINSKY
La Nación (Argentina)
1. Rodri
2. Vinicius Jr.
3. Dibu Martínez

13 FEDERICO DEL RIO
Bolavip (Argentina)
1. Rodri
2. Vinicius Jr.
3. Lautaro Martínez

14 JONY CASELLA
Solari Media Group (Colômbia)
1. Vinicius Jr.
2. Mbappé
3. Harry Kane

15 MARTÍN BLOTTO
Olé (Argentina)
1. Lamine Yamal
2. Vinicius Jr.
3. Haaland

16 RODRIGO ALMONACID
AFP (Colômbia)
1. Rodri
2. Vinicius Jr.
3. Carvajal

17 LUIS RODRIGUES
Zerozero (Portugal)
1. Bellingham
2. Rodri
3. Vinicius Jr.

18 PASCOAL SOUSA
A Bola (Portugal)
1. Vinicius Jr.
2. Rodri
3. Lamine Yamal

19 FACUNDO CASTRO
Radiomundo 1170 AM (Uruguai)
1. Vinicius Jr.
2. Carvajal
3. Lautaro Martínez

20 DUARDO SOTELE
Diario Depor (Peru)
1. Bellingham
2. Mbappé
3. Vinicius Jr.

21 DIEGO PAULICH
Olé (Argentina)
1. Rodri
2. Lautaro Martínez
3. Vinicius Jr.

22 SEBÁSTIAN DÍAZ
Olé (Argentina)
1. Rodri
2. Vinicius Jr.
3. Mbappé

23 CARLOS MENESES
EFE (Espanha)
1. Bellingham
2. Vinicius Jr.
3. Rodri

"Carvajal venceu tudo nesta temporada, foi o coração e a alma do Real Madrid e da seleção espanhola"
***Ivan Alexis**, La Deportiva (Paraguai)*

"Dibu Martínez foi um paredão com suas defesas que levaram o Aston Villa à Liga dos Campeões e a Argentina ao título da Copa América. Merece pódio"
***Diego Borinsky**, La Nación (Argentina)*

24 MARIANA MALEK
Ovación/El País (Uruguai)
1. Bellingham
2. Valverde
3. Vinicius Jr.

25 LUIS FERNANDO ZAMBRANO
ESPN (Colômbia)
1. Vinicius Jr.
2. Rodri
3. Bellingham

26 SERGIO FERIS
Heroica Deportiva (Uruguai)
1. Bellingham
2. Vinicius Jr.
3. Rodri

27 SAMUEL VARGAS
DSports Latinoamerica/ Win Sports (Colômbia)
1. Rodri
2. Vinicius Jr.
3. Bellingham

28 JUAN FERNANDO JIMÉNEZ
JFM Sports (Colômbia)
1. Lamine Yamal
2. Bellingham
3. Mbappé

29 FAVIO VERONA
Olé (Argentina)
1. Vinicius Jr.
2. Rodri
3. Dibu Martínez

30 LICHE DURÁN ACEVEDO
ESPN (Colômbia)
1. Rodri
2. Vinicius Jr.
3. Bellingham

31 GARY JACOB
The Times (Inglaterra)
1. Rodri
2. Vinicius Jr.
3. Lamine Yamal

32 MATTEO DOVELLINI
La Repubblica e Radio Bruno (Itália)
1. Rodri
2. Lautaro Martínez
3. Bellingham

33 EMANUELE GAMBA
La Repubblica (Itália)
1. Rodri
2. Vinicius Jr.
3. Lamine Yamal

34 MASSIMO PISA
La Repubblica (Itália)
1. Bellingham
2. Rodri
3. Nico Williams

35 GUGLIELMO TRUPO
Radio Bruno (Itália)
1. Lionel Messi
2. Vinicius Jr.
3. Rodri

36 EDUARDO VARGAS
Radio Elite (We Canal) (Equador)
1. Lautaro Martínez
2. Mbappé
3. Lamine Yamal

37 SIMONE MONARI
La Repubblica (Itália)
1. Rodri
2. Bellingham
3. Lautaro Martínez

38 ENRICO CURRÒ
La Repubblica (Itália)
1. Rodri
2. Vinicius Jr.
3. Lamine Yamal

39 KYLE BONN
The Sporting News (EUA)
1. Bellingham
2. Rodri
3. Lautaro Martínez

40 LEANDRO QUESADA
PLACAR (Brasil)
1. Vinicius Jr.
2. Rodri
3. Bellingham

41 LUIS HERNÁNDEZ
Fox Sports (México)
1. Rodri
2. Vinicius Jr.
3. Bellingham

42 FRANCO LOMEZ
Rádio Aspen 103,5 (Uruguai)
1. Rodri
2. Vinicius Jr.
3. Bellingham

43 JULIAN COLLAZOS
Noticiero 90 Minutos y Tu Barco (Colômbia)
1. Bellingham
2. Vinicius Jr.
3. Harry Kane

44 SANTIAGO SALINAS PÉREZ
Fox Sports México (México)
1. Rodri
2. Bellingham
3. Florian Wirtz

45 PAULO VINICIUS COELHO
Uol (Brasil)
1. Vinicius Jr.
2. Rodri
3. Bellingham

46 FRED CALDEIRA
TNT Sports (Brasil)
1. Vinicius Jr.
2. Bellingham
3. Florian Wirtz

47 ALEXANDRE TEIXEIRA
Prime Video e TF1 (Portugal)
1. Carvajal
2. Rodri
3. Vinicius Jr.

48 JÖRG WOLFRUM
Kicker (Alemanha)
1. Rodri
2. Bellingham
3. Kroos

49 JAVIER CÁCERES
Süddeutsche Zeitung (Alemanha)
1. Rodri
2. Kroos
3. Messi

50 ÉRIC FROSIO
L'Equipe & France Football (França)
1. Vinicius Jr.
2. Rodri
3. Carvajal

51 MIKKEL LUNDBY
Ritzaus Bureau (Dinamarca)
1. Rodri
2. Bellingham
3. Vinicius Jr.

52 AMR NAGEEB FAHMY
BeIn Sports (Egito)
1. Rodri
2. Vinicius Jr.
3. Bellingham

53 AHMED HASHIM
Qatar Football Live (Catar)
1. Bellingham
2. Rodri
3. Vinicius Jr.

54 MÉLISANDE GOMEZ
L'Equipe (França)
1. Rodri
2. Vinicius Jr.
3. Bellingham

55 KAI SCHILLER
Hamburger Abendblatt (Alemanha)
1. Rodri
2. Kroos
3. Bellingham

56 RAFAEL OLIVEIRA
Prime Video e Band (Brasil)
1. Vinicius Jr.
2. Kroos
3. Bellingham

57 ROXANA POMIER
Jornalista (Bolívia)
1. Messi
2. Rodri
3. Vinicius Jr.

58 MAURO BETING
SBT e Rádio Bandeirantes (Brasil)
1. Vinicius Jr.
2. Bellingham
3. Lamine Yamal

59 MAURO CÉZAR PEREIRA
UOL, TV Cultura e Jovem Pan (Brasil)
1. Vinicius Jr.
2. Bellingham
3. Rodri

60 LUIS REYES SEPULVEDA
AS.com (Chile)
1. Rodri
2. Vinicius Jr.
3. Carvajal

"Lautaro Martínez foi o artilheiro, líder e força motriz da Inter, campeã italiana, além de artilheiro da Copa América, resgatando uma imagem arranhada na Copa do Catar. Um fenômeno"
***Matteo Dovellini**, La Repubblica (Itália)*

qual foi vítima constante na Europa e contra o qual lutou bravamente, podem ter pesado contra ele?

Vale ressaltar que, desde sua estreia como profissional do Flamengo em 2016, Vinicius se acostumou a receber julgamentos enviesados. Enquanto antirrubro-negros o apelidaram jocosamente de "Neguebinha" – em referência a Negueba, cria da Gávea que não vingou –, boa parte dos flamenguistas o defendia vorazmente de toda e qualquer crítica, mesmo as construtivas e pertinentes, como as que cobravam melhora nas tomadas de decisão e finalizações. Com talento, personalidade e o peculiar sorriso no rosto, o atacante foi conquistando seu espaço no Real Madrid, calando os detratores e evoluindo a cada temporada. Seu sucesso foi proporcional aos ataques que passou a receber de torcedores rivais, e não demorou para que o racismo entrasse em cena.

Corajoso, Vini Jr. tornou-se um ícone antirracista e fez acelerar medidas punitivas na Espanha. Recentemente, três torcedores do Valencia foram condenados a oito meses de prisão pelos ataques contra o brasileiro, realizados em maio de 2023, no estádio Mestalla. Foi uma vitória na luta por direitos, mas que trouxe consequências em um mundo ainda repleto de ódio. "O homem negro retinto sempre foi posto num local de subalternidade, e o Vini se recusou a estar neste lugar. Se impôs contra LaLiga, federação e governo da Espanha, e contra todos que disseram que ele estava errado, e é claro que isso incomoda muita gente. Pelé e outros nomes tentaram falar, mas foram silenciados. Isso não funcionou com o Vini", opina Marcelo Carvalho, diretor executivo no Observatório da Discriminação Racial no Futebol. "Para ganhar a Bola de Ouro, ele tinha de ser perfeito. Mesmo ganhando tudo com o Real, não foi suficiente. A perda da Copa América foi a desculpa que precisavam para não votar nele", complementa. Seu discurso casa com o de Rodrygo, também do Real Madrid, que em entrevista à PLACAR de julho cravou: "Ele [Vinicius] sabe que para a gente é um pouco mais difícil, né? Digo por mim também. Ver outros caras na minha frente [na eleição de 2023] foi meio estranho, sabe? A gente tem consciência de que tem que fazer sempre um pouco mais."

Sim, Vinicius incomoda parcela significativa da sociedade com sua mais do que digna luta por direitos, mas é fato que também contribuiu para o quadro de antipatia de jornalistas e adversários com atitudes menos nobres. Envolveu-se em diversas confusões em campo, foi acusado de simular faltas e provocar adversários e manteve atrito constante com árbitros, o que lhe rendeu cartões amarelos tolos como o que o tirou do duelo decisivo contra o Uruguai. O comportamento do camisa 7 foi amplamente debatido durante a Copa América. "Há muitos comentários sobre a atitude e personalidade dele, mas cada jogador é como é. Fosse meu atleta, eu lhe diria algumas coisas para o bem dele", analisou à PLACAR o técnico dinamarquês Thomas Christiansen, que dirige o Panamá. "Ele tem um jei-

"ESTE ANO TALVEZ SEJA O MAIS INCERTO E EQUILIBRADO DAS ÚLTIMAS DÉCADAS, MAS, PELO GRANDE IMPACTO INICIAL NO REAL MADRID E PELA CAMINHADA NA EURO, BELLINGHAM ESTÁ EM VANTAGEM. VINI SERIA FAVORITO, NÃO FOSSE O DESASTRE DA COPA AMÉRICA"

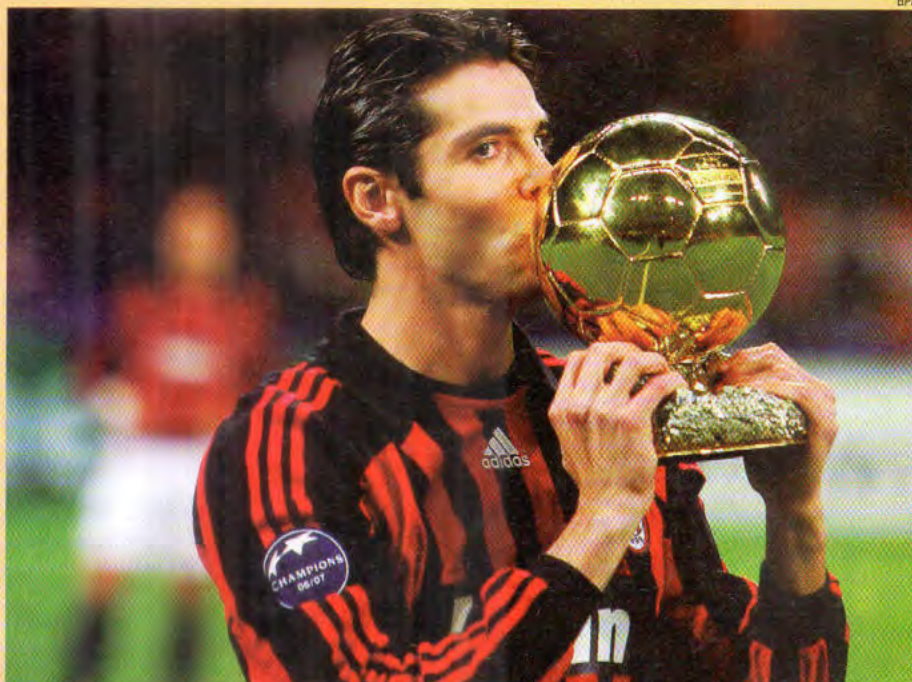
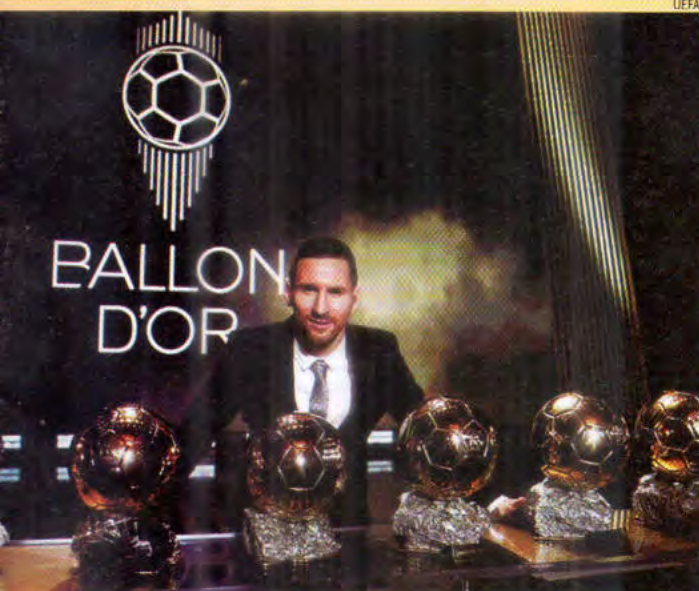
Luis Rodrigues, Zerozero (Portugal)

De bicicleta, Bellingham fez o gol da Euro, mas ficou com o vice: inglês também corre por fora

EFE

TODOS OS VENCEDORES DA BOLA DE OURO

Desde a criação do prêmio em 1956, apenas quatro brasileiros conquistaram a premiação da France Football

BPA

UEFA

Conexão sul-americana: Kaká foi o último brasileiro a vencer o prêmio dominado por Lionel Messi

Jogadores com mais prêmios

8 MESSI

5 CRISTIANO RONALDO

3 CRUIJFF PLATINI VAN BASTEN

Ano	Jogador	Clube
1956	Matthews (Inglaterra)	Blackpool-ING
1957	Di Stéfano (Espanha)	Real Madrid-ESP
1958	Kopa (França)	Real Madrid-ESP
1959	Di Stéfano (Espanha)	Real Madrid-ESP
1960	Luis Suárez (Espanha)	Barcelona-ESP
1961	Omar Sivori (Itália)	Juventus-ITA
1962	Masopust (Tchecoslováquia)	Dukla Praga-TCH
1963	Lev Yashin (URSS)	Dínamo Moscou-RUS
1964	Denis Law (Escócia)	Manchester United-ING
1965	Eusébio (Portugal)	Benfica-POR
1966	Bobby Charlton (Inglaterra)	Manchester United-ING
1967	Flórián Albert (Hungria)	Ferencváros-HUN
1968	George Best (Irlanda do Norte)	Manchester United-ING
1969	Gianni Rivera (Itália)	Milan-ITA
1970	Gerd Müller (Alemanha)	Bayern de Munique-ALE
1971	Cruijff (Holanda)	Ajax-HOL
1972	Beckenbauer (Alemanha)	Bayern de Munique-ALE
1973	Cruyff (Holanda)	Barcelona-ESP
1974	Cruyff (Holanda)	Barcelona-ESP
1975	Blokhin (URSS)	Dínamo Kiev-UCR
1976	Beckenbauer (Alemanha)	Bayern de Munique-ALE
1977	Simonsen (Dinamarca)	Borussia M'gladbach-ALE
1978	Kevin Keegan (Inglaterra)	Hamburgo-ALE
1979	Kevin Keegan (Inglaterra)	Hamburgo-ALE
1980	Rummenigge (Alemanha)	Bayern de Munique-ALE
1981	Rummenigge (Alemanha)	Bayern de Munique-ALE
1982	Paolo Rossi (Itália)	Juventus-ITA
1983	Platini (França)	Juventus-ITA
1984	Platini (França)	Juventus-ITA
1985	Platini (França)	Juventus-ITA
1986	Belanov (URSS)	Dínamo Kiev-UCR
1987	Gullit (Holanda)	Milan-ITA
1988	Van Basten (Holanda)	Milan-ITA
1989	Van Basten (Holanda)	Milan-ITA
1990	Matthäus (Alemanha)	Inter de Milão-ITA
1991	Papin (França)	Olymp. de Marselha-FRA
1992	Van Basten (Holanda)	Milan-ITA
1993	Roberto Baggio (Itália)	Juventus-ITA
1994	Stoichkov (Bulgária)	Barcelona-ESP
1995	George Weah (Libéria)	Milan-ITA
1996	Sammer (Alemanha)	Borussia Dortmund-ALE
1997	**Ronaldo (Brasil)**	**Inter de Milão-ITA**
1998	Zidane (França)	Juventus-ITA
1999	**Rivaldo (Brasil)**	**Barcelona-ESP**
2000	Figo (Portugal)	Real Madrid-ESP
2001	Owen (Inglaterra)	Liverpool-ING
2002	**Ronaldo (Brasil)**	**Real Madrid-ESP**
2003	Nedved (República Tcheca)	Juventus-ITA
2004	Shevchenko (Ucrânia)	Milan-ITA
2005	**Ronaldinho Gaúcho (Brasil)**	**Barcelona-ESP**
2006	Cannavaro (Itália)	Real Madrid-ESP
2007	**Kaká (Brasil)**	**Milan-ITA**
2008	Cristiano Ronaldo (Portugal)	Manchester United-ING
2009	Messi (Argentina)	Barcelona-ESP
2010	Messi (Argentina)	Barcelona-ESP
2011	Messi (Argentina)	Barcelona-ESP
2012	Messi (Argentina)	Barcelona-ESP
2013	Cristiano Ronaldo (Portugal)	Real Madrid-ESP
2014	Cristiano Ronaldo (Portugal)	Real Madrid-ESP
2015	Messi (Argentina)	Barcelona-ESP
2016	Cristiano Ronaldo (Portugal)	Real Madrid-ESP
2017	Cristiano Ronaldo (Portugal)	Real Madrid-ESP
2018	Modric (Croácia)	Real Madrid-ESP
2019	Messi (Argentina)	Barcelona-ESP
2020	-	
2021	Messi (Argentina)	Barcelona-ESP
2022	Benzema (França)	Real Madrid-ESP
2023	Messi (Argentina)	PSG-FRA

* Entre 1956 e 1994, apenas jogadores nascidos na Europa recebiam o prêmio
** Entre 2010 e 2015, a premiação foi em parceria com a Fifa
*** Em 2020, o prêmio não foi entregue em função da pandemia de Covid-19

AFP

Ronaldo, Pelé e Roberto Carlos, em 1997; Neymar, o craque brasileiro de sua geração, não passou do bronze

BOLA DE OURO x FIFA THE BEST

Entenda a diferença dos prêmios e os critérios de cada um

A existência de dois badalados troféus individuais para o melhor jogador da temporada costuma causar confusão. Sim, a Bola de Ouro e o prêmio da Fifa são prêmios distintos, com exceção de um curto período de fusão entre 2010 e 2015, quando era chamado de Fifa Ballon D'Or. Na maior parte do tempo, porém, desde a criação do prêmio de jogador do ano da Fifa, foram concorrentes – e ambos bastante desejados.

A Bola de Ouro, criada em 1956 pela *France Football*, tem maior reconhecimento na Europa. O galardão, na verdade, ficou por muito tempo restrito ao continente, já que até 1994 apenas atletas europeus podiam disputá-la. É por essa razão que craques como o argentino Diego Armando Maradona e o brasileiro Pelé jamais conquistaram uma Bola de Ouro.

A Fifa se aproveitou desta falha e em 1991 criou seu próprio troféu de número 1 do mundo, vencido pelo alemão Lothar Matthäus. Preocupada com a concorrência, em 1995, enfim, a Bola de Ouro abriu suas fronteiras, com o liberiano George Weah como campeão – e, até hoje, o único africano a ganhá-la.

Depois que a parceria com a *France Football* foi desfeita, a Fifa criou um novo prêmio em 2016, o The Best, enquanto a revista francesa seguiu com a marca Bola de Ouro. Nem sempre os vencedores coincidiram e existe certa rivalidade entre os prêmios. O polonês Robert Lewandowski ganhou duas vezes o prêmio da Fifa e, claro, disse considerá-lo o "mais justo".

Os prêmios têm diferentes critérios de votação. Para a Bola de Ouro, a *France Football* pré-estabelece uma lista inicial de 30 finalistas, feita por 30 profissionais da casa. Em seguida, entram em cena jornalistas dos 100 países mais bem colocados no ranking da Fifa masculino e 50 do feminino. Cada um deles elege seu top 5, levando em conta três aspectos: desempenho individual, sucesso da equipe e bom comportamento em campo.

No The Best, que costuma ser entregue em janeiro, um "comitê de notáveis" composto por ex-jogadores (Kaká foi o último representante do Brasil) elege dez finalistas. A escolha final é feita por quatro grupos: técnicos das seleções filiadas à Fifa; capitães dessas equipes; um jornalista de cada país; votação on-line de torcedores.

O Brasil possui mais títulos do prêmio da Fifa do que da Bola de Ouro. Em 1997, o país chegou a celebrar uma dobradinha com Ronaldo e Roberto Carlos – e troféus entregues por Pelé. Desde Kaká em 2007, quem chegou mais perto foi Neymar, com dois "bronzes".

EFE

BPA

Mbappé liderou temporada em gols e assistências, mas falta de títulos o tirou da disputa em 2024

"MBAPPÉ E MESSI SÃO OS MELHORES, MAS AS CONQUISTAS IMPORTAM E, POR ISSO, VEJO RODRI COMO O MAIS COMPLETO. LAMINE YAMAL MERECE TOP3, TEM TRAÇOS DE GÊNIO E UMA HISTÓRIA SEMELHANTE À DE PELÉ"

Enrico Currò, La Repubblica *(Itália)*

to de jogar que obviamente não é muito confortável para os rivais aceitarem", complementou o argentino Daniel Garnero, treinador do Paraguai, antes de importante ressalva. "Mas é para isso que serve o árbitro. Tem que impor limites."

Após a goleada sobre o Paraguai, seu único bom momento pela seleção em 2024, incluindo os amistosos preparatórios, Vini Jr. deixou o estádio sem conceder entrevistas – distribuiu apenas sorrisos irônicos, coincidindo com a postura denunciada em algumas partidas do Real Madrid. "Caso ele realmente perca a Bola de Ouro, eu não relacionaria o resultado à luta contra o racismo, que é nobre", avalia Carlos Meneses, jornalista espanhol da agência EFE. "Para mim, tem a ver com as provocações aos rivais dentro do campo. Ele às vezes se mostra um pouco arrogante quando vai bem e acho que, por essa razão, não desfruta de muita simpatia."

Nem mesmo entre os brasileiros Vinicius é unanimidade. Em recente comemoração de 30 anos do tetracampeonato da seleção brasileira em 1994, o ex-lateral Jorginho alfinetou o astro do Real Madrid, sem citar seu nome, mas a ilha espanhola onde o atacante descansou após uma longa temporada. "Acaba uma Copa América, os caras já postam foto em Ibiza, como se nada tivesse acontecido. Se você não sente a dor da derrota, não tem condições de se alegrar com a vitória", discursou, com altas doses de hipocrisia, visto que diversos de seus parceiros não eram exemplos de boa conduta – muitos, aliás, pediram dispensa em Copas Américas nas décadas de 90 e 2000. Fato é que as chances de o Brasil voltar a ter um representante eleito melhor jogador do mundo, 17 anos depois da Bola de Ouro de Kaká, caíram drasticamente. Uma matéria do site do jornal *The New York Times* nem sequer cita Vinicius entre os candidatos ao prêmio, na visão de oito jornalistas – até mesmo o marroquino Ayoub El Kaabi, cuja grande façanha foi ser campeão da Conference League pelo Olympiacos, aparece no texto.

Historicamente eurocêntrica, a Bola de Ouro não deixa de ser uma espécie de peça publicitária de ligas, clubes e marcas. Nesse sentido, Rodri e Bellingham atendem perfeitamente ao jogo de interesses da elite, e o fato de o espanhol jogar na Inglaterra e o inglês na Espanha fortalece ambas as candidaturas. Rodri já foi elogiado por seu técnico Pep Guardiola por não ter tatuagens, brincos ou penteado espalhafatoso – imagem que contrasta com a rebeldia de Vini. Além do trio do pódio, correm bem por fora outros nomes, como o atacante inglês Harry Kane, artilheiro da Liga dos Campeões e da Bundesliga pelo Bayern, vice-campeão alemão e da Euro e Chuteira de Ouro da temporada com 44 gols; o lateral-direito espanhol Dani Carvajal, do Real Madrid, campeão da Champions (com gol na final) e da Euro; o atacante argentino Lautaro Martínez, da Inter de Milão, campeão e artilheiro da liga italiana, que repetiu a dose na Copa América; e o novato espanhol Lamine Yamal, do Barcelona, melhor jovem da Euro, aos 17 anos. Restam dois meses até a eleição para valer e, como mostrou a triste Copa América brasileira, as coisas mudam rápido no futebol. Mas hoje é possível cravar: Vinicius Jr. virou zebra para a Bola de Ouro. ■

TROCA DE GUARDA

EUROCOPA E COPA AMÉRICA MARCARAM AS DESPEDIDAS DE LENDAS DA BOLA DAS COMPETIÇÕES CONTINENTAIS... E A ESTREIA DE JOVENS POSTULANTES A MELHOR DO MUNDO

Por: Enrico Benevenutti e Guilherme Azevedo
Design: LE Ratto

Quando Cristiano Ronaldo e Lionel Messi trocaram a elite europeia por campeonatos alternativos (de Arábia Saudita e Estados Unidos, respectivamente), os amantes da bola mundo afora passaram a temer o inevitável: o momento em que as chuteiras mais abençoadas das últimas décadas serão penduradas. A dupla seguiu com protagonismo em seus clubes, mas no cenário de seleções a queda foi brusca. O português de 39 anos e o argentino de 37 não se aposentaram, seguem na ativa e mirando a Copa do Mundo de 2026, mas as recém-disputadas Eurocopa e Copa América deixaram claro que o fim está próximo. Por outro lado, o verão no hemisfério norte assistiu à explosão de uma nova e animadora geração de craques.

No dia 5 de junho, Portugal se despedia da Euro, eliminado pela França, com a costumeira impressão de que poderia ter feito muito mais. Na imprensa lusitana, as atuações abaixo da média de Cristiano Ronaldo le-

CRISTIANO RONALDO
39 ANOS
Al-Nassr (Arábia Saudita)

35 incluindo uma Eurocopa e cinco Ligas dos Campeões | 895 gols

TONI KROOS
34 ANOS
Aposentado

33 incluindo uma Copa do Mundo e seis Ligas dos Campeões | 83 gols

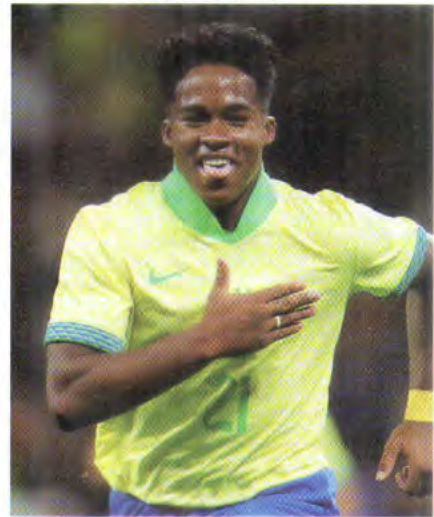
LUKA MODRIC
38 ANOS
Real Madrid (Espanha)

30 incluindo seis Ligas dos Campeões | 126 gols

LIONEL MESSI
37 ANOS
Inter Miami (Estados Unidos)

44 incluindo uma Copa do Mundo, duas Copas América e quatro Ligas dos Campeões | 838 gols

vantaram a discussão mais uma vez se o gajo veterano deveria mesmo liderar o ataque. O maior artilheiro da história do torneio (14 gols) nem sequer chegou a balançar a rede nesta edição, mas seu papel de coadjuvante não foi um caso isolado. A Euro na Alemanha ainda prometia ser o adeus sonhado para várias estrelas que passaram em branco. A Croácia de Luka Modric caiu ainda na fase de grupos e o craque do Real Madrid se despediu da seleção, aos 38 anos, sob lágrimas de tristeza. A Polônia foi lanterna de seu grupo, com apenas um tento, de pênalti, de Robert Lewandowski, de 35 anos. Já Kevin De Bruyne, 33, deixou o torneio nas oitavas, discutindo com um repórter que ironizou a "geração dourada" da Bélgica e sem garantir sua permanência na seleção.

Um veterano, no entanto, nadou contra a maré e encerrou a carreira em alta – ainda que com uma derrota. Depois de uma nova temporada multicampeã no Real Madrid, o alemão Toni Kroos anunciou que retornaria à equipe nacional para um definitivo adeus. O sonho era pendurar as chuteiras com o título dentro do próprio país. Não aconteceu, mas o experiente meia de 34 anos foi mais uma vez destaque da equipe que parou diante da campeã Espanha nas quartas.

O roteiro escrito por Kroos foi semelhante ao de Ángel Di María na Copa América. O argentino anunciou previamente que não encerraria a carreira, mas deixaria de vestir a camisa albiceleste. O atacante, no entanto, liderou a atual campeã mundial ao bicampeonato, em uma competição em que a estrela Lionel Messi seguiu a tendência dos europeus e pouco brilhou.

Tanto a Euro como a Copa América deixaram explícita a transição de gerações. O futebol espanhol que encantou e conquistou a Europa tem como protagonistas Lamine Yamal, de 17 anos, e Nico Williams, de 22. A dupla de pontas se destacou em todas as fases da competição, inclusive na reta final. A decisão, inclusive, marcou recorde para o atleta do Barcelona, que se tornou o mais jovem campeão de uma grande competição de seleções. A Alemanha agora é comandada por Musiala e Florian Wirtz, ambos de 21 anos. O camisa 10 da Inglaterra e futuro capitão é Jude Bellingham, de 21, enquanto a seleção da Turquia ascende sob o talento de Arda Güler, de apenas 19 anos. Calafiore, da Itália, Xavi Simmons, da Holanda, Francisco Conceição, de Portugal, Barcola, da França (para não dizer Mbappé)... todos garotos e destaques por suas seleções. E não pense que a transição diz respeito apenas ao Velho Continente. O Brasil vive da expectativa criada em cima de Endrick e Estêvão, que ainda aguarda sua primeira convocação. O camisa 10 do Equador, Kendry Paez, tem idade de moleque, apenas 17. É melhor ir se acostumando com esses nomes, porque quem dá a bola agora são os mais jovens! ■

Desespero entre torcedores no portão de acesso ao Hard Rock Stadium

WE HAVE A PROBLEM

A ÚLTIMA COPA AMÉRICA ABRIU UMA ESPÉCIE DE CAIXA-PRETA NO FUTEBOL SUL-AMERICANO. ENQUANTO A ARGENTINA TERMINOU SORRINDO COM A SOBERANIA NO CONTINENTE, O TORNEIO ESCANCAROU FALHAS GRITANTES DE ORGANIZAÇÃO, GRAMADOS RUINS, CALOR INFERNAL, PROBLEMAS DE LOGÍSTICA, PUNIÇÕES EXAGERADAS E UM DESFECHO VIOLENTO NA FINAL EM MIAMI, COM 27 PRESOS, 55 PESSOAS EXPULSAS E 1H27 DE ATRASO. DÁ PARA ESPERAR COISAS BOAS PARA O MUNDIAL DE CLUBES DE 2025 E A COPA DO MUNDO DE 2026 NO PAÍS?

Klaus Richmond e Leandro Quesada, de Miami (EUA) / Design: LE Ratto

EFE

CAMPOS DA DISCÓRDIA

DIMENSÕES REDUZIDAS, DESNÍVEIS, MONTAGEM EM CIMA DA HORA... SOBRARAM CRÍTICAS AOS GRAMADOS AMERICANOS

RAFAEL RIBEIRO / CBF

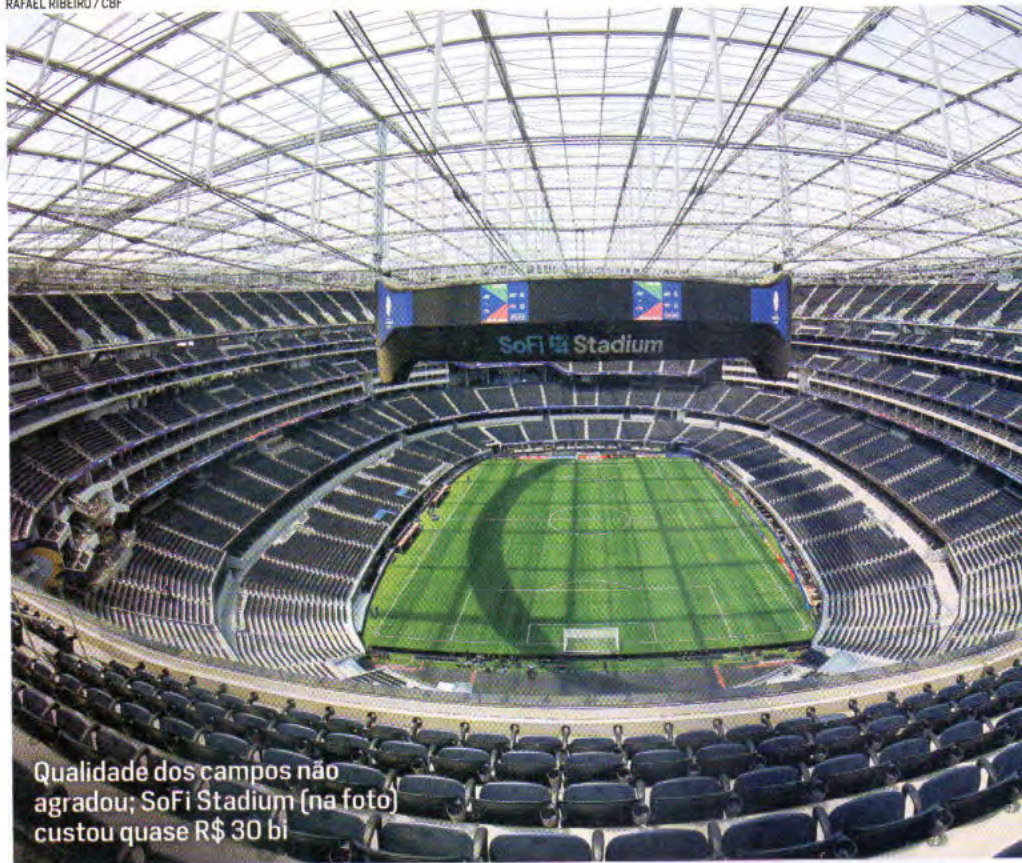
Qualidade dos campos não agradou; SoFi Stadium (na foto) custou quase R$ 30 bi

Sentado confortavelmente na cadeira da sala de entrevistas do Mercedes-Benz Stadium, em Atlanta, Geórgia, o técnico Lionel Scaloni distribuía sorrisos após a vitória por 2 a 0 da Argentina contra o Canadá – até o primeiro questionamento. Perguntado se as dificuldades do jogo lembraram as que encarou também na estreia da Copa do Mundo do Catar, em 2022, Scaloni se armou com um semblante sisudo e um alvo certeiro.

"Sim, pareceu, mas naquele dia jogamos em um campo decente", iniciou, esbravejando contra as condições do gramado. "Com todo o respeito, mas há sete meses que sabemos que vamos jogar aqui e trocaram o campo há dois dias.", acrescentou

O comandante argentino abriu o caminho para uma chuva de críticas pesadas à maior parte dos gramados de 14 estádios utilizados nos Estados Unidos. No mesmo dia, o goleiro Emiliano "Dibu" Martínez também subiu o tom: "Era um desastre, a bola ia correndo e pulando... Di María teve um lance que saiu cara a cara e teve que chutar de direita porque não conseguia dominar a bola que só quicava. Se não melhorar, a Copa América sempre será um nível baixo da Eurocopa".

O compatriota Cristian Romero também fez coro, enquanto o zagueiro canadense Kamal Miller classificou como "estranho" e "oco" o palco inaugural. "Acho que há pontos pintados para não notarmos. Visto de cima, tudo parece bonito", concluiu Scaloni.

Menos de 24 horas depois, o uruguaio Jorge Fossatti, técnico do Peru, culpava o campo do AT&T Stadium, em Arlington, no Texas, pela lesão do lateral-direito Luis Advíncula diante do Chile. O também argentino Néstor Lorenzo, comandante da Colômbia, levantou diversas dúvidas sobre a qualidade da grama do NRG Stadium, em Houston, mas nenhum outro falou de forma tão enérgica quanto Marcelo Bielsa, técnico do Uruguai.

"El Loco" esbravejou durante toda a competição e fez valer a velha expressão "cuspir marimbondos" na véspera da disputa pelo terceiro lugar com o Canadá. Depois de seguidas críticas à Conmebol, o argentino chamou a entidade de mentirosa devido à insistência em dizer que tudo estava bem, fazendo menção especial à chefe dos campos de jogos, a brasileira Maristela Kuhn. "Conheço perfeitamente o que faz, e o mal que faz. Deu entrevista para dizer que é uma questão visual", desabafou em longa fala.

Bielsa falou mais: justificou que a Bolívia não teve condições de treinar pouco antes de um dos jogos pelo mau estado do gramado e que Scaloni foi ameaçado nos bastidores para não levantar mais críticas sobre o tema – fato que o ex-lateral negou afirmando ter preferido não tocar mais no assunto para não se tornar repetitivo.

Em Charlotte, fontes ouvidas por PLACAR que participaram diretamente da organização confirmaram que o gramado foi instalado com dois dias de atraso no Bank of America Stadium. Outra diz que pela falta de tempo "era visível o desnível no gramado na saída do túnel". O local foi palco de dois jogos importantes: a semifinal entre Uruguai e Colômbia e, posteriormente, a disputa do terceiro lugar entre Uruguai e Canadá.

Faltando um dia para a final no

Hard Rock Stadium, em Miami, a reportagem flagrou funcionários tentando encurtar a distância entre os rolos de grama instalados. Em alguns gramados como o State Farm Stadium, em Phoenix, não era permitido a jornalistas sequer registrar fotografias um dia antes, critério diferente do adotado em outros palcos. Esse, em particular, se movimenta sobre trilhos por meio de um sistema retrátil podendo tomar sol e ficar em condições climáticas mais favoráveis. Mesmo assim, era visível uma enorme mancha em uma das laterais do campo.

Dos palcos escolhidos, só três não eram usados majoritariamente para partidas da NFL, a principal liga de futebol americano. Entre os brasileiros, as críticas de nomes como Danilo, capitão da seleção, Rodrygo e Vinicius Júnior tinham como maior ponto incômodo o fato de serem demasiadamente apertados, com as dimensões mínimas exigidas pela Fifa. "Aqui nunca encontro espaço, os adversários estão sempre próximos", desabafou o Rayo pouco antes da estreia.

A Conmebol definiu como padrão 100 metros de comprimento por 64 metros de largura. Os principais torneios organizados pela Fifa, contudo, utilizam 105 por 68. Ou seja, 5 metros mais curtos e 4 mais estreitos. Faltou campo, sobraram críticas.

★★★★★★★★★★★★★

UM SOL PRA CADA UM

ALTAS TEMPERATURAS TAMBÉM INCOMODARAM. TREINOS À NOITE E ESTÁDIOS CLIMATIZADOS ATÉ AMENIZARAM, MAS NÃO RESOLVERAM

Foi praxe na Copa América ver jogadores com camisas completamente encharcadas de suor ou tomando "banhos improvisados" com garrafas de água durante jogos e treinamentos. O calor intenso do verão dos Estados Unidos castigou e testou o limite dos atletas. Termômetros registraram até 119 graus Fahrenheit (a medição adotada pelos americanos), o mesmo que 49 graus Celsius em cidades como Las Vegas e Phoenix, e um calor igualmente infernal em outras sedes da competição. "A verdade é que foi uma Copa (América) difícil. Campos bem ruins, temperatura muito alta, foi difícil de jogar", resumiu o sempre contido em polêmicas Lionel Messi.

A maior parte das equipes adotou como estratégia treinamentos no período da noite. Em Las Vegas, onde esteve por duas vezes, o Brasil sempre iniciou atividades depois das 19h. Mesma tática utilizada por uruguaios, argentinos, colombianos, mas, curiosamente, diferente da panamenha. A maior surpresa da competição foi a única a treinar cedo: logo às 8h, entendendo que a opção favorecia a recuperação física dos atletas, além do sono.

As altas temperaturas provocaram desmaios e sensação de mal-estar entre torcedores e até para um dos bandeirinhas, Humberto Panjoj, da Guatemala, que não suportou o calor em Kansas durante a partida entre Peru e Canadá, pela primeira fase do torneio. O atendimento médico foi solicitado pelo goleiro canadense Maxime Crépeau. Panjoj recebeu uma toalha molhada direto no pescoço para tentar baixar o forte calor, mas precisou sair do campo de maca, sendo posteriormente levado a um hospital para exames.

"O torneio é, sem dúvida, muito bonito. Tem 16 equipes, um bom formato, mas os lugares que escolheram para essa época do ano não são ideais. Em Phoenix era impossível treinar a qualquer momento, e jogamos duas partidas. Poderiam escolher um local com clima mais agradável, mais correto. O torneio é lindo, mas a organização não foi boa. Tem que melhorar", criticou o técnico Néstor Lorenzo, da seleção colombiana, que atuou por duas vezes sob as fortes temperaturas de Phoenix e Glendale, que fica ao lado.

Alguns dos estádios eram climatizados, mas incapazes de evitar o constante choque térmico de temperaturas acima de 40 nas áreas externas para perto dos 20 graus quando em áreas internas. "Viemos caminhando no calor e, quando entramos no estádio, vimos a mudança de clima. O ônibus tem ar-condicionado também, mas onde estávamos treinando era muito quente. Isso influencia na parte física", reclamou o zagueiro Marquinhos.

Antes das quartas de final, Brasil e Uruguai provocaram um bastidor curioso: uma "guerra fria" para definir a melhor temperatura do Allegiant Stadium, em Las Vegas. A federação uruguaia requereu à Conmebol reduzir para 20 graus Celsius a climatização, enquanto fisiologistas da CBF alegavam entre 23 e 25 como número ideal. A final, por sua vez, foi disputada sob quase 40 graus e umidade alta no Hard Rock Stadium, de Miami. Uma espécie de grande sauna para fechar com chave de ouro o torneio das altas temperaturas.

Auxiliar Humberto Panjoj desmaiou diante do calor de 37 °C

BASTIDORES

A CASA DA MÃE... CONMEBOL

ERROS DE LOGÍSTICA, SEGURANÇA E OUTROS TANTOS CUSTARAM CARO PARA A IMAGEM DA ENTIDADE

Assim que PLACAR pisou no Aeroporto Internacional de Los Angeles, primeiro destino nos EUA, entrou em um Uber com objetivo certo: buscar as credenciais para a cobertura em hotel indicado meses antes pela Conmebol à imprensa, numa espécie de cartilha com pontos fundamentais para jornalistas inscritos. Ao chegar ao local, não havia absolutamente nada referente ao torneio. Fomos surpreendidos com a resposta dos funcionários: "Copa América? Mas do que os senhores estão falando?". Notificamos assessores da Conmebol, que horas depois explicaram a todos os jornalistas credenciados que o endereço correto era outro.

Não faltaram pontos falhos ao longo de quase 30 dias. Entre jornalistas, eram constantes as reclamações de entrevistas coletivas que demoravam a ser disponibilizadas, informações imprecisas sobre estacionamento ou como chegar ao centro de mídia de cada estádio. Nos estádios, prestadores de serviço da entidade – que utilizavam as camisetas e credenciais da Conmebol – impediam profissionais de ir a pontos da arquibancada, mas permitiam a torcedores comuns ocuparem as cadeiras.

Entre jogadores e treinadores também sobraram críticas. Se Bielsa puxou a fila com apontamentos de toda sorte, jogadores reclamaram de excesso de rigidez da entidade por atrasos na volta do intervalo. Casos que extrapolaram os 15 minutos foram penalizados com multas de 15 000 dólares (82 720 reais), além da suspensão por um jogo de nomes como Lionel Scaloni (Argentina), Marcelo Bielsa (Uruguai), Ricardo Gareca (Chile) e Fernando Batista (Venezuela). O volante brasileiro Bruno Guimarães definiu bem a situação: "Acho que a Conmebol tem coisa mais importante para se preocupar do que isso [o tempo cronometrado para o retorno de campo]".

Na final, contudo, a entidade esticou o intervalo para 25 minutos para a apresentação da cantora colombiana Shakira. O fato incomodou. "Não entendo muito, mas acho que deveria ser como qualquer jogo (com 15 minutos de duração). Porque quando saímos aos 16 minutos fomos multados ou sancionados, mas agora acontece que tem show e podemos sair aos 20 ou 25 minutos e isso pode impactar o físico dos jogadores. Vocês não sabem o que isso custa nesses minutos no vestiário", afirmou o técnico Néstor Lorenzo, da Colômbia. A partida já havia atrasado por 1 hora e 27 minutos por causa de confusões envolvendo torcedores colombianos e argentinos na porta do estádio.

Nos bastidores, também foi conflituosa a relação com organizadores e confederações. Com a CBF foi uma coletânea de desentendimentos. Em Las Vegas, a escolha do centro de treinamentos pela entidade, o Bettye Wilson Soccer Complex, causou enorme incômodo na comissão técnica de Dorival Júnior. O local é conhecido por ter intenso movimento e atrapalhou o plano de privacidade estabelecido. Uma verdadeira invasão de torcedores, que se aglomeraram em uma passarela do lado de fora, fizeram Dorival mudar os planos, estendendo a permanência de jornalistas e, posteriormente, abdicando do trabalho tático.

Para piorar, problemas técnicos na aeronave reservada pela entidade atrasaram em quase quatro horas o voo da seleção brasileira para San Jose, para a

Shakira e o show que fez a Conmebol prolongar o tempo do intervalo

EFE

terceira partida. Drama semelhante ao vivido pela delegação uruguaia antes da semifinal contra a Colômbia, em Charlotte. O estopim da rixa entre Brasil e Conmebol, porém, foi na volta a Las Vegas. Após conseguir mudar o hotel utilizado na primeira fase, a delegação foi conduzida à porta dos fundos na chegada para a disputa das quartas de final. O fato revoltou o presidente Ednaldo Rodrigues: "Não somos bandidos para entrar por aqui", disse.

Fontes ouvidas por PLACAR afirmaram que "questões culturais foram completamente ignoradas". Autoridades locais se irritaram com dirigentes da Conmebol pelo fato de não terem sido alertadas do real volume de torcedores aguardados e sobre informações importantes que deveriam ter sido repassadas sobre a legislação do país. Na Carolina do Norte, diversos grupos de torcedores foram vistos consumindo bebidas alcoólicas na rua desde cedo nos dias de jogos, algo proibido no estado.

A Conmebol tampouco se destacou na venda de ingressos. O serviço foi realizado pelo site da empresa Ticketmaster, com valores na final que iam de 1780 dólares (9663 reais) para os lugares mais distantes do campo e até 10000 dólares (54292) para áreas consideradas "VIPs", no mesmo patamar do gramado. A entidade alegou que não tinha qualquer ingerência sobre revendas e segue as normas de cada país. Sendo assim, por causa das regras dos Estados Unidos, era permitido que outras empresas comprassem e comercializassem entradas com outros valores diferentes. Durante as partidas, a Conmebol divulgou somente o número total de presentes nos estádios, mas não os pagantes ou não pagantes, nem mesmo a renda.

UM FIM MELANCÓLICO

TEVE MESSI COM A TAÇA, ARGENTINA RECORDISTA, MAS O QUE SOBROU MESMO FOI VERGONHA NA FINAL

Rodaram o mundo as imagens de torcedores caídos no chão, crianças chorando, pessoas ensanguentadas, outras sendo detidas e o viral momento de um grupo de colombianos tentando invadir o Hard Rock Stadium pelo duto de ventilação. O fim da Copa América foi melancólico. Um caos previsto quase de forma profética por Scaloni na véspera. "A imagem no final de Colômbia x Uruguai foi muito triste e esperamos que não se repita. Parecem ser de 50 anos atrás", alertou na ocasião, fazendo menção ao horror vivido dias antes.

Na semifinal, que terminou com classificação colombiana à final após 23 anos, atletas uruguaios protagonizaram uma confusão generalizada em Charlotte ao correrem em direção à arquibancada ocupada por seus familiares. Houve troca de socos e Darwin Núñez chegou a pegar uma cadeira, mas foi contido. Os atletas justificaram que precisaram defender seus parentes de uma "avalanche".

As cenas pouco antes de a bola rolar em Miami foram ainda piores: uma imensa confusão provocada por torcedores que tentaram invadir o estádio terminou com 27 presos, entre eles o presidente da federação colombiana, Ramón Jesurún, e 55 pessoas expulsas do estádio. A partida atrasou em 1 hora e 22 minutos.

O meia argentino Alexis Mac Allister precisou deixar o vestiário para socorrer familiares que não conseguiam entrar. Também houve roubo de credenciais de jornalistas. Diversos torcedores já ingressaram com ações judiciais no Tribunal do 11º Circuito Judicial do Condado de Miami-Dade por não terem conseguido entrar, pedindo mais de 100 000 dólares (565 000 reais) de indenização.

"Nós estávamos no vestiário, já aquecendo, nos comunicando com nossas famílias e amigos, para saber se havia problemas ou não. Foi caótico", explicou o técnico Néstor Lorenzo. "É difícil de explicar, de entender. Alguns familiares não nos respondiam, e não conseguíamos ficar alheios", complementou Scaloni.

O contraponto da Conmebol é que a organização foi feita de forma conjunta com a Concacaf, responsável pelo futebol na América do Norte, Central e Caribe, e que o fato de haver leis distintas para cada estado americano atrapalhou. A sugestão de isolar o perímetro do estádio na final, permitindo o acesso somente a torcedores com ingresso acessarem o local, por exemplo, não foi acatada.

A Conmebol culpou a organização do estádio, enquanto José Reyes, chefe de segurança pública da região, rebateu assegurando que mais de 800 policiais foram destinados ao evento. "Estamos trabalhando com os organizadores para realizar uma revisão abrangente de todos os protocolos de segurança e proteção, enquanto continuamos a nos preparar para a Copa de 2026", disse Reyes.

A Fifa acompanhou tudo de perto, com visitas periódicas de comissários a diversas sedes da próxima Copa. Contudo, acredita que não encontrará os mesmos problemas, já que os processos são todos definidos inteiramente pela entidade. O novo Mundial de Clubes receberá 32 equipes de seis continentes, entre julho e julho de 2025, enquanto a Copa do Mundo de 2026 será a maior da história, com 48 equipes e México e Canadá como coorganizadores.

Fato é que o recorde da Argentina – agora a maior campeã, com 16 conquistas –, o choro de Lionel Messi, que saiu machucado e depois terminou com a taça nas mãos, além da despedida de Ángel Di María ficaram em segundo plano. O primeiro teste dos americanos para 2026 foi um retumbante fracasso.

BASTIDORES

OS PECADOS DA SELEÇÃO

FIASCO PASSA POR GESTÃO DE EDNALDO, CONTRADIÇÕES DE DORIVAL E DESCONEXÃO DOS ATLETAS COM A REALIDADE

EFE

RAFAEL RIBEIRO / CBF

Seleção brasileira foi eliminada pelo Uruguai com pênaltis desperdiçados por Éder Militão [foto] e Douglas Luiz; Rodrygo, o novo camisa 10, teve atuações apagadas, em mais um fiasco de Ednaldo Rodrigues à frente da CBF

A curta estadia da seleção brasileira na Copa América dos Estados Unidos – com quatro jogos, uma vitória, três empates, cinco gols marcados e dois sofridos – foi decepcionante, mas não tão surpreendente. Desde os amistosos preliminares em solo americano, passando pela estreia sem gols contra a Costa Rica e até a eliminação nos pênaltis diante do Uruguai, ficou claro que a empolgação com o início da era Dorival Júnior havia sido exagerada. Há quem sustente que esta é a pior fase da história da equipe canarinho, sexta colocada nas Eliminatórias Sul-Americanas, sem referências em campo e há mais de duas décadas sem título mundial. Dentre os vários responsáveis, o presidente da entidade, Ednaldo Rodrigues se destaca.

Apesar de o técnico Tite ter avisado cerca de um ano antes da Copa de 2022 que não permaneceria no cargo, qualquer que fosse o resultado no Catar, o presidente da CBF demorou dois anos para ter um substituto fixo. Obcecado pela possibilidade de ter Carlo Ancelotti, que por dois anos seguidos disse que preferia ficar no Real Madrid, o presidente da CBF apostou primeiro em Ramon Menezes, que perdeu dois dos três amistosos que fez. Depois, escolheu Fernando Diniz, que, dividindo atenções com o Fluminense, não conseguiu impor seu estilo em apenas seis partidas, com duas vitórias, um empate e três derrotas. Ednaldo demitiu Diniz em 8 de janeiro, um dia depois de retornar à presidência, em meio a um imbróglio judicial, e agiu rápido para tirar Dorival Júnior do São Paulo. Contra seleções organizadas há mais tempo, o Brasil patinou com um futebol previsível.

Criticado internamente por seu estilo centralizador, Ednaldo pode ter escapado do processo de impeachment, mas terá de lidar com os vexames de sua gestão, que incluem as categorias de base. Ramon Menezes, aliás, segue como treinador da seleção sub-23 mesmo depois de o Brasil ficar fora de uma Olimpíada depois de 20 anos. Dorival também tem seus pecados. Ao assumir o posto, prometeu que resgataria a "seleção do povo" e que convocaria diversos atletas do Brasileirão. Na prática, levou apenas quatro, o que não seria um grande

problema, não fossem outras contradições. No início da campanha, optou por deixar Endrick na reserva, pois apressar a trajetória do prodígio de 17 anos poderia ser um "erro fatal".

Terminou, porém, usando o atacante nos 90 minutos mais tensos diante do Uruguai, em que Endrick trombou com a zaga celeste e nada mais. Na partida da eliminação, as mudanças burocráticas (Andreas Pereira por João Gomes, Martinelli por Rodrygo, Douglas Luiz por Paquetá e Savinho por Raphinha) não surtiram efeito, mesmo jogando com um atleta a mais por 15 minutos. O experiente treinador ainda chegou a dizer que a expulsão de Nández acabou complicando a "lucidez" da seleção. E reclamou da repercussão da cena em que não foi ouvido pelos comandados nos momentos que precederam a decisão por pênaltis (*leia mais na página 51*).

Os atletas, claro, têm sua parcela de culpa. Na ausência de Neymar, que ainda se recupera de uma grave lesão no joelho, esperava-se que o talento de Vini Jr. e Rodrygo enfim desabrochasse na seleção. Na entrevista que concedeu à PLACAR para o Guia da Copa América e da Eurocopa, Rodrygo prometeu que chamaria a responsabilidade de ser o novo camisa 10. O refinado meia-atacante, porém, pouco apareceu e deixou o torneio sem nenhum gol ou assistência. Na eliminação para o Uruguai, ocupou mais o lado esquerdo, na vaga de Vinicius, e não teve mais que lampejos de qualidade – além de ter sofrido a brutal falta que gerou o cartão vermelho de Nández nos 15 minutos finais.

A campanha, que começou com uma inoportuna polêmica envolvendo censura ao cabelo rosa do lateral Yan Couto, seguiu conflituosa até o fim e terminou com uma declaração desastrada – e um tanto emblemática. Na véspera do duelo contra o Uruguai, o meia Andreas Pereira, do Fulham, ao se defender das críticas sobre a inoperância do setor de criação da seleção, cravou: "Nosso meio-campo é muito bom. Todos jogam na Premier League, é muito qualificado. Se pegar nome por nome, temos uma seleção que eles sonhariam em ter".

RAFAEL RIBEIRO / CBF

Para além do debate proposto (se Douglas Luiz, João Gomes, Bruno Guimarães e Lucas Paquetá são melhores que Ugarte, Valverde, De La Cruz e De Arrascaeta), causa espanto um atleta brasileiro achar que o simples fato de atuar na badalada liga inglesa lhe dê uma chancela de qualidade. A declaração inflamou ainda mais os ânimos do clássico, a ponto de ter sido usada como motivação pela página da federação uruguaia antes da partida. Com a classificação à semifinal assegurada, o ídolo charrúa Luis Suárez não perdoou. "Para falar do Uruguai tem que ter respeito, antes de dizer que tem jogadores uruguaios que queriam estar na seleção do Brasil... Quem falou isso [Andreas Pereira] era reserva do Arrascaeta [no Flamengo], o melhor jogador do futebol brasileiro." As mudanças na seleção passam também por humildade. ■

★★★★★★★★★★★★★

"HÁ QUEM SUSTENTE QUE ESTA É A PIOR FASE DA HISTÓRIA DA EQUIPE CANARINHO, SEXTA COLOCADA NAS ELIMINATÓRIAS SUL-AMERICANAS"

PURO BLUES

ESTUDIOSO E *LOW-PROFILE*, O AINDA POUCO CONHECIDO FERNANDO SEABRA DEVOLVEU A AUTOESTIMA DO CRUZEIRENSE. COM UM TRABALHO ELOGIADO DE QUATRO MESES, A RAPOSA JOGA POR MÚSICA SOB O COMANDO DE ALGUÉM QUE UM DIA QUASE TROCOU OS GRAMADOS PELA GUITARRA. O TORCEDOR PODE SONHAR ALTO APÓS ANOS DE MUITA DOR

Por: Enrico Benevenutti e Klaus Richmond
Design: LE Ratto

GUSTAVO ALEIXO / CRUZEIRO

De 'solução caseira' a cara do sucesso da Raposa

GUSTAVO ALEIXO / CRUZEIRO

Eduardo Gonçalves de Andrade, o popular Tostão, cultiva até hoje uma conhecida aversão aos holofotes. Foi na edição de PLACAR de julho de 1984 que o antigo craque do Cruzeiro rompeu um silêncio que perdurou por longos 11 anos, uma espécie de exílio após sua aposentadoria forçada do futebol, graças a uma arrojada investida do repórter Octávio Ribeiro, o Pena Branca, que o convenceu a falar após insistir numa visita sob pretexto de lhe entregar livros. O maior jogador da história do clube mineiro nunca quis ser diferente. Preferia viver *à la* Greta Garbo – famosa atriz sueca naturalizada americana que fugia de aparições públicas.

Curiosamente, o técnico que fez a Raposa voltar a sonhar depois de temporadas de luta e dor também vestia até pouco tempo atrás uma capa de invisibilidade antes de ser anunciado pelo clube como sucessor do argentino Nicolás Larcamón em 9 de abril de 2024. Faça um breve exercício: quantas páginas há sobre a vida e carreira de Fernando Seabra em sites de pesquisa? "Eu agradeço essa pergunta [sobre minha trajetória], porque as pessoas não sabem quase nada sobre mim. No ano passado, quando assumi, nem sequer sabiam que já havia dirigido clubes no profissional", disse à PLACAR. "Desculpe, falei demais, mas acho que em algum momento isso era necessário", completou, após apresentar toda sua carreira no futebol.

GUSTAVO ALEIXO / CRUZEIRO

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Apelidado pelos mais empolgados de "Seabracadabra", uma alusão ao modo como transformou rapidamente o time do Cruzeiro, o paulistano de 47 anos agora provoca suspiros e até comparações com a equipe de 2003, campeã de Tríplice Coroa (Mineiro, Copa do Brasil e Brasileirão). A visível mudança de comportamento desde sua chegada já levou até cartolas a assumirem erros pela não efetivação no cargo ao fim de

2023, quando deixou a equipe sub-20 para salvar a principal do rebaixamento ao lado de Paulo Autuori. "Contratamos o Larcamón, sendo um bom treinador, mas ele não se conectou à cultura do Cruzeiro. E aí, a gente corrige o erro (contratando Fernando Seabra)", analisou o ex-diretor de futebol do clube, Pedro Martins, em entrevista ao Charla Podcast em julho.

Bacharel em esportes pela USP (Universidade de São Paulo), com mestrado em educação física, Seabra tem nos livros e vivências a maior base de seu sucesso. Não foi e nem tentou ser jogador de futebol profissional. Participou de campeonatos de campo e no futebol de salão por clubes associativos até os 14 anos, mas sempre foi mais observador que jogador. "Passei a infância na rua, era o meu passatempo favorito. Também gostava muito da formação que uma faculdade poderia me dar, das discussões e da possibilidade de criar uma visão de mundo."

Com Autuori, na volta ao Cruzeiro e no vice da Copinha: os passos de Seabra

A busca por esse senso crítico o levou ao curso de ciências sociais, antes de corrigir a rota para os esportes. Foi assim que conseguiu conciliar a paixão pela música: "Eu tinha algumas bandas, tocava durante a noite. Fiz aula de violão, depois peguei firme na guitarra e passei a gostar de *blues*, me enveredei por esse lado". A guitarra foi ficando cada vez mais encostada, à medida que Seabra passou a treinar equipes universitárias. Nesse cenário, estabeleceu contatos com Maurício Barbieri, Diego Cerri, Bruno Pivetti e Anderson Moraes: "Fui treinador de todos. Na odontologia o Barbieri foi meu auxiliar, onde ele iniciou".

O interesse sempre foi a parte técnica. Chegou a recusar estágio no São Paulo em preparação física para poder trabalhar com futsal e, depois, com o futebol feminino. Foi assim que conheceu Kleiton Lima, que o levou para um breve período no projeto do Santos em Itanhaém para a modalidade. Sem abandonar a parte acadêmica, concluiu um estudo em análise e desenvolvimento com reconhecimento na Hungria. O projeto resultou em mestrado na USP e contratação pelo Assisense, onde estreou logo no profissional. No ano seguinte, em 2007, foi para o Grêmio Barueri ser auxiliar fixo do clube junto de Fábio Carille.

Como ele mesmo diz, seu trabalho aconteceu em sua maioria "na parte de baixo do iceberg". Foi preparador físico, coordenador metodológico de base, auxiliar técnico na segunda, terceira e quarta divisões do Paulista por Red Bull Brasil e Pão de Açúcar – projeto que tinha Barbieri como responsável pelo sub-20 e Barroca pelo sub-17.

"TREINADOR DE FUTEBOL É PAGO PARA RESOLVER PROBLEMAS, NÃO PARA RECLAMAR"

Os contatos do passado o levaram para o Ceará, onde precisou dar um passo atrás na carreira para cuidar da família. O retorno ocorreu no Independente de Limeira, seguido da equipe B do Santos como coordenador técnico metodológico. Indicou a contratação de nomes como Diego Pituca (Santos) e Thaciano (Bahia). Trabalhou também no Santo André, até chegar ao Corinthians, auxiliando Coelho e Barroca por dois anos, para depois rumar ao Athletico-PR e, na sequência, Desportivo Brasil.

Foi logo depois que Seabra vestiu pela primeira vez a camisa do Cruzeiro. A passagem

KLOPPISTA DE CARTEIRINHA

FÃ INCONDICIONAL DO EX-TÉCNICO DO LIVERPOOL, SEABRA PRETERE ATÉ PEP GUARDIOLA AO TÉCNICO ALEMÃO, MAS DIZ QUE ANTIGOS RIVAIS APROXIMARAM ESTILOS EM MEIO A RIVALIDADE

"De tanto se enfrentar, Klopp e Guardiola se aproximaram muito. Você pega o início do Klopp no Liverpool e vê um treinador muito mais vertical, com uma ideia da contrapressão e muito menos posicional. Depois, ele se apropria de vários aspectos e variações do jogo posicional, e isso o enriquece muito. Ele apresenta muita variação no estilo de jogo ao longo dos anos, mas gosto, sobretudo, da agressividade e da verticalidade nas transições, que também foram aspectos que o Guardiola incorporou dele ao longo dos anos. Então, eles se aproximaram muito mesmo com o tempo, mas entendo que no jogo do Guardiola ele parte de uma premissa muito grande de controle da bola e do espaço. Existe uma racionalização muito grande do jogo. No do Klopp, embora também tenha elementos assim, existe um nível de agressividade e de iniciativa dos jogadores. Um grau de iniciativa dos jogadores que eu entendo que ainda seja a essência dele. A agressividade tem o mesmo peso que o controle. O Guardiola apresenta os mesmos ingredientes, mas com uma necessidade de ter a bola que é muito premente, que está na essência. Os times do Klopp não precisam só de ter a bola para se afirmarem enquanto identidade. Acho que esse estilo tem outros elementos que são interessantes, inclusive para trabalhar com equipes e jogadores pré-ápice. Esse jogo do Guardiola se materializa muito para equipes e jogadores no ápice, enquanto o do Klopp pode também ser muito efetivo e trazer resultados nessa situação de equipes e jogadores pré-ápice."

iniciada em 2022, no sub-20, foi encerrada em janeiro de 2024, pouco após o vice-campeonato da Copinha com 91 jogos, 57 vitórias, 18 empates e 16 derrotas, além da conquista do Mineiro e da Copa do Brasil da categoria. Da saída para treinar o Red Bull Bragantino II até o retorno foram dois meses, justificados em uma resposta metafórica no retorno: "O clube está fazendo uma escolha com base em uma imagem de alta resolução. Não é com baixa resolução".

Seabra carrega como uma espécie de mantra pessoal a frase de que "treinador é pago para resolver problemas, não para reclamar". Repetiu em algumas entrevistas e, de fato, foi quase em silêncio que em pouco tempo montou o "quadrado mágico" liderado por Matheus Pereira ao lado de Arthur Gomes, Gabriel Veron e Álvaro Barreal. Pereira, por exemplo, virou protagonista e candidato a craque do campeonato. O convívio com Paulo Autuori também aguçou o lado crítico fora das quatro linhas. "É importante termos um posicionamento mais crítico. Todos têm a responsabilidade de buscar melhorar sua atividade. Autuori me desafiava a formar algo construtivo."

O empobrecimento do futebol brasileiro, por exemplo, é um ponto incômodo. "A produção aqui acontece numa escala artesanal, mas a comercialização é pós-industrial. Então a gente acaba muitas vezes apresentando um produto com uma qualidade muito inferior ao que poderia", afirmou, criticando a depreciação dos campeonatos no país pela rápida negociação de promessas.

EFE

O rock'n'roll Klopp no Liverpool, sua maior referência

ARQUIVO PESSOAL

ARQUIVO PESSOAL

ARQUIVO PESSOAL

ARQUIVO PESSOAL

"Sou muito crítico com relação a isso, trabalhei por quase 20 anos na base. Acho que a gente poderia apresentar um futebol muito mais rico conceitualmente e ajudar os jogadores a se desenvolverem. Mas, quando trabalho para um clube como o Cruzeiro, não adianta ficar reclamando. Tenho que resolver no próximo jogo."

Outro ponto sensível é a qualidade dos gramados encontrados no país. "Enquanto não padronizarmos os gramados, permitindo uma variação grande que afeta a qualidade de jogo, isso nos enfraquecerá como liga e vai gerar desvantagens. Temos que ter mais vontade de ligar a tevê no fim de semana para ver o Brasileiro [do que] a Premier League", pontuou Seabra, que também aponta o dedo para mudanças nos clubes no processo de formação de atletas. "O clube precisa ter a clareza de que a formação do jogador não termina na base. A base não entrega nenhum jogador pronto para o profissional. Esse é o período em que mais se perde talento no futebol. Uma série de processos precisam ser feitos."

"AINDA É PRECOCE [FALAR EM TÍTULO]. ESTAMOS CAMINHANDO PARA NOS TORNARMOS COMPETITIVOS"

PEDRO CANCELO

1. Dirigindo o time da USP (de amarelo) em 2002;
2. Na passagem pelo sub-17 do Athletico-PR;
3. Como auxiliar do sub-20 do Corinthians;
4. No Desportivo Brasil na Série A3;
5. Ainda jovem, quase trocou o futebol pelo *blues*

Apesar da escalada para o bloco que briga por vaga na próxima Libertadores, ele evita oba-oba. "Ainda é muito precoce [falar em luta pelo título]. Estamos caminhando para nos tornarmos competitivos com esses times que lideram a tabela. Temos a ambição de nos colocarmos nesse nicho, mas é um espaço que a gente ainda precisa conquistar." O trabalho tem o respaldo das principais lideranças do elenco e a boa fase gerou até aumento salarial para o comandante. Nem mesmo o áudio vazado de Pedro Lourenço, dono da SAF, exigindo titularidades afetou o time.

O título do Brasileiro, que não vem desde 2014, ou uma vaga na Libertadores, desde 2019, ainda são incertos até dezembro. Certo mesmo é que o estilo imposto por Seabra já recuperou respeito e hoje toca em Belo Horizonte como a boa música de Eric Clapton, John Lee Hooker ou B.B. King. O mais puro *blues*, senhores. ■

A SELEÇÃO DO PRIMEIRO TURNO

COM AS ESTATÍSTICAS DO SOFASCORE, A REDAÇÃO DE PLACAR MONTOU SEU TIME IDEAL DA PRIMEIRA METADE DO CAMPEONATO

LUCAS PITON
Vasco

O lateral de 23 anos vem fazendo uma boa temporada em seu segundo ano de Vasco. No Brasileirão, fez um gol contra o ex-clube Corinthians, deu três assistências e tem um acerto de 84% dos passes.

Nota SofaScore: **7,18**

KAÍQUE ROCHA
Athletico-PR

Ex-Internacional e Sampdoria-ITA, o zagueiro de 23 anos virou titular em sua segunda temporada pelo Furacão. Fez 16 jogos e se destacou nos cortes (4,9 por jogo) e duelos aéreos ganhos (2,7 por jogo).

Nota SofaScore: **7,27**

JOÃO RICARDO
Fortaleza

Aos 35 anos, vive ótima fase em seu segundo ano no tricolor. Foi o goleiro com mais defesas em média por jogo (4,3), ao lado de Fábio e Léo Jardim. Disputou 18 jogos e sofreu 18 gols (quinta melhor média).

Nota SofaScore: **7,48**

JOÃO MARCELO
Cruzeiro

Aos 24 anos, o ex-jogador do Porto-POR, que chegou ao Cruzeiro em 2023, vem atravessando seu melhor momento na carreira. Foi titular em 17 jogos e destacou-se nos cortes por jogo (5,4) e nos passes certos (91%).

Nota SofaScore: **7,22**

ARTUR JORGE
Botafogo

O treinador português repetiu a dose de Luís Castro em 2023 e levou o Botafogo a brigar pela liderança durante todo o primeiro turno. Mesmo com pouco tempo de casa, Artur reorganizou o time, que venceu os concorrentes Flamengo e Palmeiras.

Campeão olímpico em 2016, o ex-jogador de Inter e Wolfsburg é um dos líderes em assistências (cinco), em grandes chances criadas (sete) e na média de desarmes por partida (3,8). Fez três gols em 17 jogos.

Nota SofaScore: **7,45**

WILLIAM
Cruzeiro

MATHEUS PEREIRA
Cruzeiro

Melhor jogador do primeiro turno, marcou seis gols e deu duas assistências em 17 jogos. Pela Raposa, o meia de 28 anos criou 36 passes decisivos para gol e foi o grande maestro da equipe no Brasileirão.
Nota SofaScore:
7,53

LUCAS
São Paulo

Após perder as seis primeiras rodadas por lesão, Lucas se recuperou e marcou cinco gols e deu duas assistências em 13 partidas seguidas, sendo o grande nome do tricolor paulista nesse primeiro turno.
Nota SofaScore:
7,24

FERNANDINHO
Athletico-PR

Aos 39 anos, o ex-volante do Manchester City segue liderando o meio-campo do Furacão. Em 15 jogos, fez dois gols e deu três assistências. Nos passes, continua com o bom índice de acerto de 83% (40,3 em média por jogo).
Nota SofaScore:
7,29

PEDRO
Flamengo

O centroavante aproveitou a injusta ausência na Copa América para brilhar no Brasileirão, onde marcou nove gols (artilheiro) e deu cinco assistências em 18 jogos, participando diretamente de 14 dos 32 gols do Fla.
Nota SofaScore:
7,24

GUSTAVO SCARPA
Atlético-MG

Teve a segunda maior nota no primeiro turno. Em 16 jogos, marcou três gols, deu cinco assistências e 30 passes decisivos. Em grande fase, atuou também como lateral-esquerdo na ausência de Guilherme Arana.
Nota SofaScore:
7,45

Aos 27 anos, o atacante canhoto participou de quase todos os jogos do Fla no 1º turno (17), onde marcou três gols e deu quatro assistências. Foi o jogador que mais criou grandes chances de gol no turno (oito).
Nota SofaScore:
7,35

LUIZ ARAÚJO
Flamengo

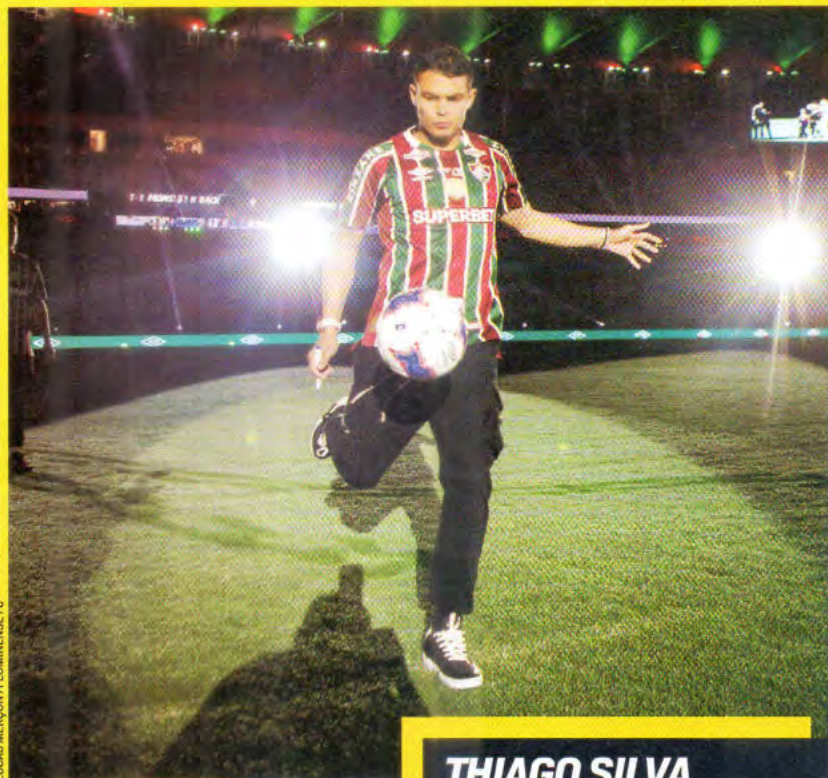
MERCADO

CARAS NOVAS

GRANDES CLUBES DO PAÍS INVESTIRAM EM REFORÇOS DE PESO PARA O RETURNO DO BRASILEIRÃO E DECISÕES DAS COPAS. VEJA QUEM CONTRATOU MAIS E MELHOR

Por: Rodolfo Rodrigues
Design: LE Ratto

PHILIPPE COUTINHO
MEIA, 32 ANOS
VASCO
EX-AL DUHAIL

DIVULGAÇÃO / CRVG

LUCAS MERÇON/FLUMINENSE FC

THIAGO SILVA
ZAGUEIRO, 39 ANOS
FLUMINENSE
EX-CHELSEA-ING

FELIPE ANDERSON
MEIA, 31 ANOS
PALMEIRAS
EX-LAZIO-ITA

CESARGRECO / SEP

Nos últimos anos, a janela de transferências de inverno da CBF, para contratação de jogadores vindos do exterior, vem mudando cada vez mais a cara das equipes para o segundo semestre. Em 2024, essa janela vai até o dia 2 de setembro e os principais clubes tiveram mais entradas do que saídas, mudando o panorama dos times da Série A, que não só brigam pelo título do Brasileirão e das Copas (Libertadores, Sul-Americana e Copa do Brasil), mas também para se livrar do rebaixamento para a Série B de 2025.

Em termos de gastos, Botafogo (29,5 milhões de euros), Cruzeiro (26,2 mi), Palmeiras (17,5 mi), Grêmio (9,5 mi) e Atlético-MG (9 mi), foram aqueles que mais investiram em novas contratações. Mas foi o Vasco quem trouxe o reforço mais badalado até aqui: o meia Philippe Coutinho, que retornou ao clube em que foi revelado depois de 14 anos. Emprestado pelo Aston Villa, da Inglaterra, e vindo do Al-Duhail, do Catar, o meia de 32 anos, que tem 68 jogos e 21 gols pela seleção brasileira, chega com a bagagem de mais de dez anos de Europa, com passagens por gigantes do futebol como Inter de Milão, Barcelona e Bayern de Munique.

Entre os clubes que mais se reforçaram para esse segundo semestre, a Raposa lidera com seis contratações na gestão do empresário Pedro Lourenço, que assumiu o clube em maio, após comprar 90% das ações majoritárias que eram do Ronaldo Fenômeno. Além do goleiro Cássio, ídolo do Corinthians, o Cruzeiro buscou, sem custos, o atacante argentino Lautaro Díaz, destaque do Independiente del Valle, do Equador, na conquista da Copa Sul-Americana de 2022, em cima do São Paulo. Além deles, a Raposa desembolsou 7,2 milhões de euros pelo centroavante Kaio Jorge, de 22

anos, revelado pelo Santos e que estava emprestado pela Juventus ao também italiano Frosione; e 8,5 milhões pelo volante Matheus Henrique, ex-Grêmio, de 26 anos, que jogou os últimos três anos no Sassuolo, da Itália. Campeão dos Jogos Olímpicos de 2020, Matheusinho chegou a atuar pela seleção principal, com Tite, em 2019, e vem como um excelente reforço para o time mineiro. Outros dois reforços para o meio-campo foram os volantes Walace, também revelado pelo Grêmio, que jogou as últimas cinco temporadas na Udinese (comprado por 8 milhões de euros), e o paraguaio Peraldo, ex-Cerro Porteño (3 milhões de euros), de 21 anos, que foi reserva na Copa América de 2024.

Já o Botafogo, que pelo segundo ano consecutivo terminou o primeiro turno do Brasileirão na liderança, apresentou quatro reforços. O primeiro foi o volante Allan, revelado pelo Vasco e que já atuou por Udinese, Napoli e Everton, e chega ao clube após dois anos no Al Wahda, dos Emirados Árabes Unidos. Quem também chegou da Liga Árabe foi o atacante Igor Jesus, ex-Coritiba, que marcou 17 gols pelo Al Ahli na última temporada. Para o ataque, outro nome foi Matheus Martins, revelado pelo Fluminense e que jogou as últimas duas temporadas no inglês Watford, emprestado pela Udinese. Mas o grande nome do alvinegro foi o meia Thiago Almada, campeão do mundo pela seleção argentina em 2022. Revelado pelo Vélez Sarsfield, o jogador de 23 anos estava no Atlanta United, dos EUA, e foi contratado por John Textor para o Botafogo por 19,5 milhões de euros, na maior compra do futebol brasileiro. O meia, porém, chega para ficar por pouco tempo. Convocado para os Jogos Olímpicos de Paris 2024, Almada irá para o Lyon, da França, no início de 2025. Esses nomes chegam em boa hora ao time, que perdeu o atacante Júnior Santos e o meia Eduardo, por lesão, para o restante da temporada.

O Palmeiras, que vem forte na luta pelo tri do Brasileirão, perdeu o atacante Endrick, mas trouxe três bons nomes, sendo o principal deles o meia Felipe Anderson, que depois de sair do Santos, em 2013, jogou 11 temporadas na Europa, com destaque para as duas passagens pela Lazio. O meia de 31 anos, que também atuou por West Ham e Porto, pode atuar ainda como atacante na equipe de Abel Ferreira. Outro reforço

VITOR SILVA/BOTAFOGO

THIAGO ALMADA
MEIA, 23 ANOS
BOTAFOGO
EX-ATLANTA UNITED-EUA

GUSTAVO ALEIXO/CRUZEIRO

CÁSSIO
GOLEIRO, 37 ANOS
CRUZEIRO
EX-CORINTHIANS

LUCAS UEBEL / GRÊMIO

BRAITHWAITE
ATACANTE, 33 ANOS
GRÊMIO
EX-ESPANYOL-ESP

JOEL CAMPBELL
ATACANTE, 32 ANOS
ATLÉTICO-GO
EX-ALAJUELENSE-CRC)

INGRYD OLIVEIRA/ACG

foi o meia Maurício, de 23 anos, ex-Cruzeiro e Inter, que deverá ser preparado para se tornar, em breve, um novo Raphael Veiga. Já para a lateral direita, a novidade é o argentino Giay, ex-San Lorenzo, que vem para assumir o posto dos experientes Marcos Rocha e Mayke.

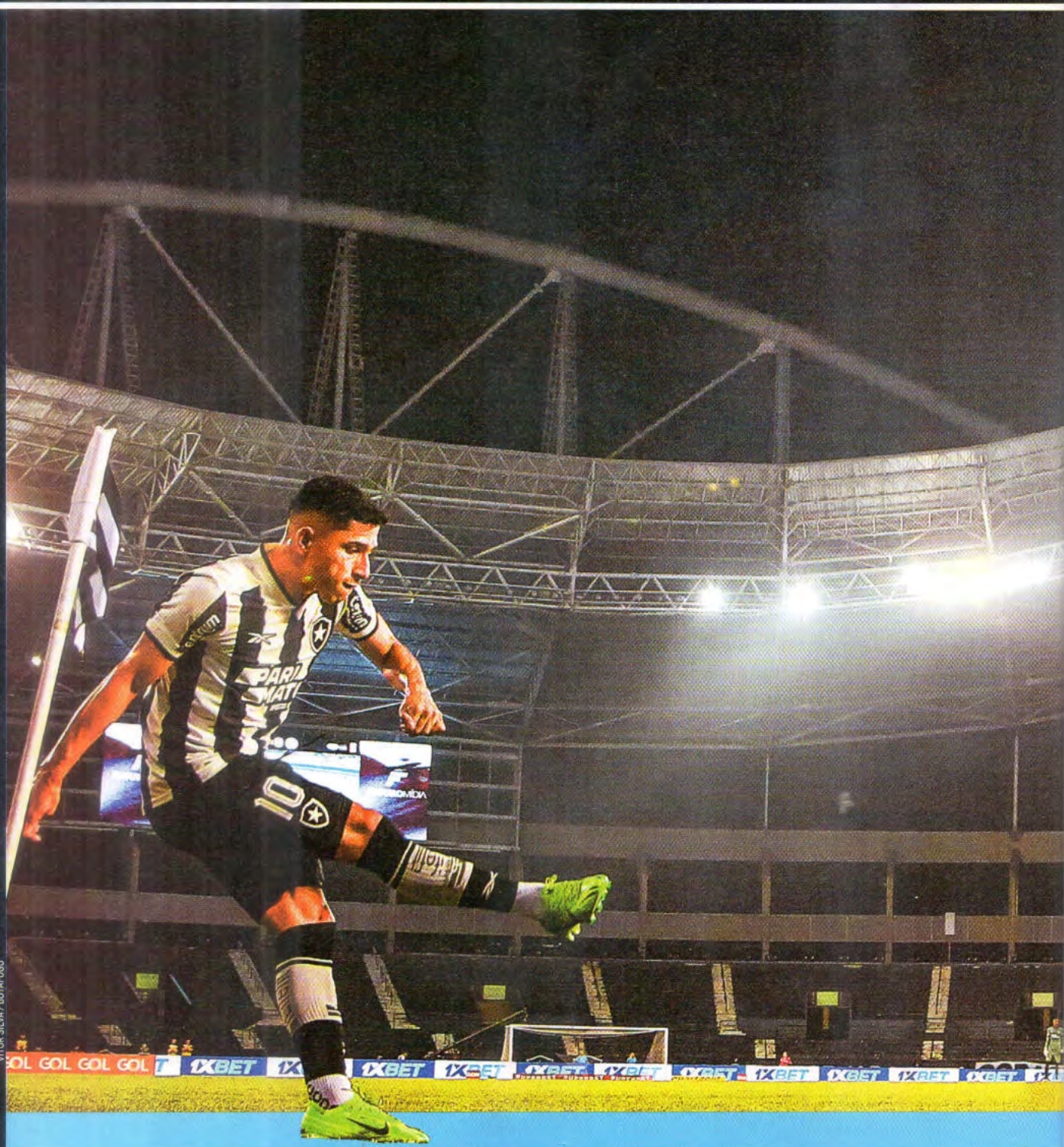
Outro clube que contratou bem foi o Atlético-MG, que trouxe mais uma vez o zagueiro Junior Alonso, que estava no Krasnodar, da Rússia. Em sua terceira passagem pelo clube, o paraguaio de 31 anos deverá fazer dupla de zaga com Lyanco, comprado pelo Galo junto ao Southampton por 4,5 milhões de euros. Por esse mesmo valor, o Atlético contratou o volante argentino Fausto Vera, de 24 anos, que estava em baixa no Corinthians. Mas o grande reforço atleticano foi o meia Bernard, aquele da "alegria nas pernas", que retorna ao clube depois de 11 anos, após passagens por Shakhtar Donetsk, Everton, Al Sharjah e Panathinaikos.

Já Grêmio e Corinthians, que fizeram um primeiro turno ruim, lutando apenas para sair da zona do rebaixamento, trouxeram diversos jogadores, mas sem tanto brilho assim. O alvinegro buscou o goleiro Hugo Souza, ex-Flamengo, que estava no Chaves, de Portugal, o zagueiro André Ramalho, ex-PSV, da Holanda, o volante Charles, ex-Midtjylland, da Dinamarca, e o volante Alex Santana, reserva do Athletico-PR. Já o Grêmio apostou em revelações sul-americanas, como os atacantes Matías Arezo (uruguaio, ex-Granada) e Aravena (chileno, ex-Universidad Católica) e o meia Monsalve (colombiano, ex-Independiente de Medellín); e nos experientes Rodrigo Caio, zagueiro, ex-Flamengo, e Martin Braithwaite, centroavante dinamarquês que já atuou pelo Barcelona e estava no Espanyol. A contratação do tricolor gaúcho surpreendeu pela excentricidade, assim como a do atacante Joel Campbell, da seleção da Costa Rica, que já atuou pelo Arsenal e que é o novo reforço do Atlético-GO. Para completar, outras boas contratações foram as do lateral-esquerdo Iago, do Bahia, revelado pelo Internacional e que jogou as últimas cinco temporadas pelo Augsburg, da Alemanha, e do zagueiro Thiago Silva, que voltou ao Fluminense após quase 16 anos de Europa. O jogador de 39 anos, convocado para as últimas quatro Copas do Mundo, retorna ao Tricolor após passagens vitoriosas por Milan, PSG e Chelsea, nos quais conquistou ao todo 28 títulos. ■

TÁTICA

ANALISTAS DE DESEMPENHO TRABALHAM A CONSTRUÇÃO DE JOGADAS DO TIRO DE META ATÉ O ESCANTEIO. DADOS FORNECEM AUXÍLIO VALIOSO PARA AS COMISSÕES TÉCNICAS E MESMO PARA OS ATLETAS QUE QUEREM MELHORAR PERFORMANCE. TALENTO, NO ENTANTO, AINDA É INSUBSTITUÍVEL

Por: André Avelar / Design: LE Ratto

VÍTOR SILVA / BOTAFOGO

É TUDO ENSAIADO

Com profissional especializado no quesito, Botafogo já fez 12 gols de bola parada no Brasileirão

Bastam dois jogadores posicionados para a cobrança de uma falta na intermediária do campo de ataque para que o narrador já se entusiasme com a possiblidade de gol e anuncie uma "jogada ensaiada". Independentemente do resultado da bola parada em si, a jogada, bem ou mal trabalhada, está em todos os setores do campo. Os analistas de desempenho estão cada vez mais inseridos nas comissões técnicas para ajudar na construção de lances e, do tiro de meta ao escanteio, tudo passou a ser estudado para se chegar ao gol adversário – e mantê-lo o mais longe possível da própria baliza.

Os analistas de desempenho, em geral debruçados em tabelas de estatísticas, costumam ser mais acionados para compra ou venda de jogadores. Mas, para além da lógica de mercado, traduzem os números coletados e apontam possibilidades de melhora dentro de campo. O auxílio a comissões técnicas naturalmente se tornou valioso em um esporte cada vez mais fechado, com poucos espaços para a criação de jogadas. Ainda assim, os profissionais são unânimes em dizer que o talento é insubstituível. Na corrida por informação, ninguém quer ficar para trás.

Em um olhar mais leigo, as avaliações de jogadores entram em uma espécie de sopa de letrinhas e expressões em inglês como xG (*expected goals*, gols esperados), xA (assistências esperadas), PPDA (passes por ações defensivas) e por aí vai. Se limitados a um tablet, esses dados têm pouca utilidade, mas, quando nas mãos de alguém que saiba extrair a informação corretamente e explorar a capacidade de cada atleta, tornam-se um trunfo no ambiente competitivo. "Existem jogadas trabalhadas muito além de cobrança de falta. A partir do tiro de meta, dependendo da pressão que o time adversário faz, é preferível sair por um lado ou por outro, sempre considerando a confiança e característica dos jogadores. O trabalho tático durante a semana é para apresentar o modelo de jogo do time, o que o treinador espera em determinadas situações. Mesmo assim, o atleta ainda é quem toma a decisão", explica Gabriel Corrêa, *scout* brasileiro que atualmente trabalha no Pafos FC, do Chipre.

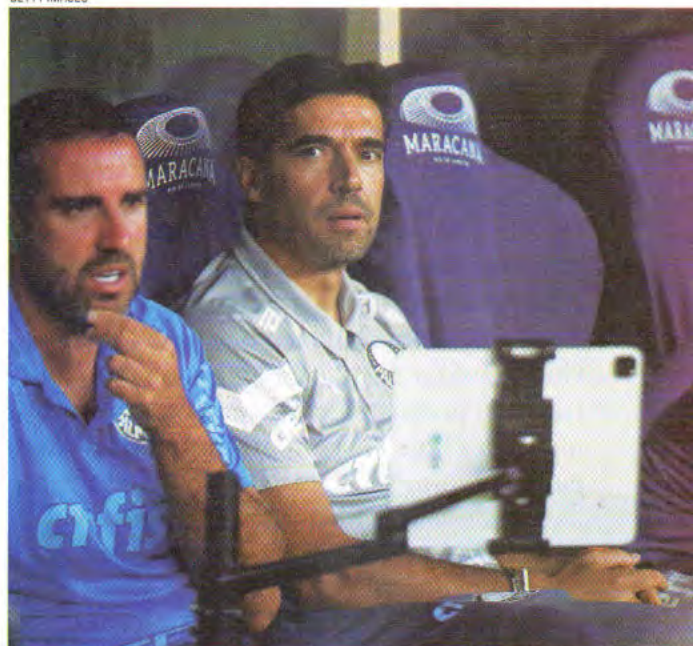
DIVULGAÇÃO / SPFC

Tecnologia não substituiu quadro tático com caneta e botões no São Paulo de Luis Zubeldía

Na capital paulista, os vizinhos de centro de treinamento São Paulo e Palmeiras se distinguem no modo de preparação para uma partida. Sempre muito agitado, o argentino Luis Zubeldía só para quan-

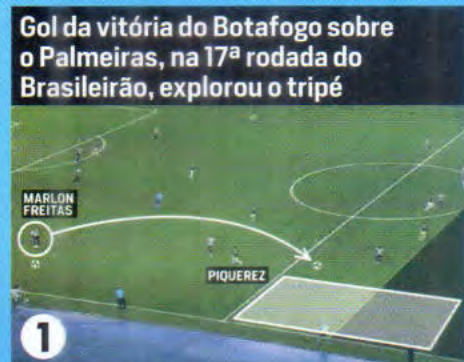
do está diante do seu quadro tático, mostrando na lousa "raiz" o melhor posicionamento para os tricolores. Além disso, claro, há também todo um departamento dedicado. Já no Verdão, todos os treinos são filmados e levados para o departamento de análise de desempenho que compila as informações. Nos jogos, o técnico português Abel Ferreira senta-se sempre ao lado do auxiliar João Martins com um tablet à frente. Das tribunas, o também auxiliar Carlos Martinho envia em tempo real para essa tela as imagens captadas de cima com o objetivo de municiar os companheiros. Em uma combinação de softwares, tudo pode ser utilizado no intervalo para fazer com que o jogador explore determinada ação ou deixe de fazer um movimento indesejável. É, portanto, uma evolução da comunicação direta entre membros da comissão, que antes era feita via rádio, sem tanta riqueza de detalhes. No futebol de elite, sutilezas ganham jogos e campeonatos.

Abel Ferreira já contou ter cerca de 60 jogadas treinadas para usar de acordo com o adversário. Atual bicampeão, o Palmeiras liderou o quesito no Brasileirão passado, com 15 gols de bola parada. No total, a competição teve 120 gols desse tipo (24,5% do total), sendo 19 de cobranças diretas e 93 de pênaltis – que não são loteria, conforme mostra a entrevista da página 51. O Corinthians é a vítima preferida da era Abel: levou oito gols só de escanteios em 13 dérbis desde 2020. No último, o treinador brincou sobre um dos raros lances que terminaram em gol por mera sorte, em falta cobrada por Raphael Veiga que desviou em um colega da barreira. "Ontem, treinamos 20 vezes aquele lance de o Fabinho abaixar a cabeça para Veiga cobrar na cabeça dele, e a bola entrar. Foi uma jogada muito estudada." Na edição de 2024, o Botafogo é quem mais fez gols de bola parada (12 de 31 tentos, em 19 jogos). O também lusitano João Cardoso, auxiliar do técnico Artur Jorge, é considerado um especialista no quesito.

GETTY IMAGES

Tablet de João Martins e Abel Ferreira traz imagens do Palmeiras na visão dos analistas nas tribunas

COMO MARCAR UM GOL?

O futebol de tempos em tempos prega peças nos estudiosos (e que bom que é assim), mas os especialistas ouvidos por PLACAR chegaram a um consenso sobre a melhor receita para chegar às redes

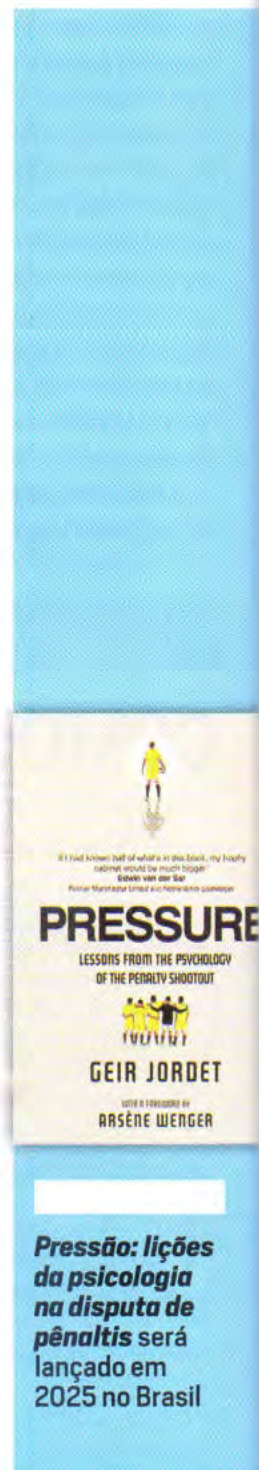
Gol da vitória do Botafogo sobre o Palmeiras, na 17ª rodada do Brasileirão, explorou o tripé

Ser rápido para aproveitar espaços vazios, como fez Marlon Freitas ao observar Piquerez adiantado

Cruzamento para trás de Luiz Henrique, com Júnior Santos atraindo a marcação para o primeiro pau

Chute de primeira, característica de Tiquinho Soares, facilitado por estar livre de marcação

Para minimizar os efeitos das recorrentes mudanças de treinador, os clubes decidiram se precaver. Na Série A do Brasileirão, por exemplo, todos os 20 times têm seus *softwares* e *scouting*, a maioria deles de comissões permanentes, e que não deixariam o time desguarnecido da noite para o dia. As formações mais comuns para esses profissionais estão na CBF e na Uefa Academy, com aplicativos como WyScout, Hudl e InStat entre os mais usados. Além do trabalho proposto pelos técnicos, os próprios jogadores hoje buscam profissionais da área para melhorar seu jogo. Nicolas Achabal, analista de desempenho que usa números e vídeos para prestar consultoria a atletas de alto rendimento, costuma dar dicas valiosas a seus clientes. Ele explica, por exemplo, qual é a forma mais indicada para um volante se posicionar, a depender das características do adversário ou até do resultado da partida. Obviamente, respeitando o potencial técnico de cada atleta e a filosofia do treinador.

"Não vou chegar para um defensor e pedir para ele fazer mil coisas se o treinador não permite. É preciso analisar o perfil do time, focar em áreas em que o jogador pode melhorar, como no seu posicionamento com ou sem a posse de bola, com o resultado a favor ou adverso, e por aí vai", diz Achabal. Erros técnicos, como um perfilamento ruim para dominar a bola, também são passíveis de correção. A qualidade do gramado e até mesmo a atmosfera do jogo são outros fatores a serem considerados para a tomada da melhor decisão. "O próximo passo desse trabalho são os jogadores serem ainda mais conscientes. Se ele consegue falar sobre e ler o jogo, é sinal de evolução."

Com estudos em constante avanço, conceitos podem surgir com força e logo serem reconsiderados. Até pouco tempo atrás, comissões técnicas do futebol brasileiro, e mesmo a seleção do técnico Tite, falavam com entusiasmo sobre o "Rec 5", uma pressão intensa para que a bola fosse recuperada em até cinco segundos. Acontece que o parâmetro não está imune a percalços. Muitas vezes, na ânsia por retomar a posse dentro do tempo estimado, o jogador acabava por se afobar, fazer a falta e até tomar um cartão amarelo, prejudicando a equipe a partir de uma ideia que, em tese, era boa, explica Achabal.

Em uma famosa entrevista, nos últimos anos como jogador do Barcelona, Xavi fez a leitura de que esse tipo de marcação pressão tem pouca efetividade quando do outro lado se tem atletas do calibre de um Neymar, Lionel Messi ou Luis Suárez. "Se a defesa vem ao seu campo, ela deixa espaço atrás. Com esses jogadores, por que não aproveitar esse espaço? Se você chama isso contra-ataque, tudo bem. Para mim é o aproveitamento de espaço. Entendo o futebol como espaço e tempo. Se o Messi está em um espaço em que não tem ninguém, tem tempo para pensar, e aí ele é muito perigoso." Ou seja, todo bom plano depende do contexto, e várias alternativas precisam ser treinadas.

Além do aproveitamento espacial, o sempre valorizado chute de primeira tornou-se arma fundamental para vencer defesas cada vez mais fechadas. A análise é do curador da página Soma Zero FC, o cientista de dados Matheus Evaldt. Para ele, o "talento ainda é a variável que ganha jogo em qualquer liga, em qualquer lugar do mundo". Mas, segundo ele, a ciência de dados mostra a efetividade de um chute que pega a todos de surpresa.

"O jogo mudou no sentido em que se tem cada vez menos espaço para arremates. É comum duas linhas de quatro jogadores, muito compactadas, em áreas muito pequenas do campo. Hoje, o jogo é muito mais sistêmico e, por isso, o chute de primeira perto do gol é o mais provável de vencer os adversários", avaliou.

"EXISTEM JOGADAS TRABALHADAS E ISSO É TOTALMENTE NATURAL. MAS, EM VÁRIOS MOMENTOS, HÁ A CONFIANÇA DO JOGADOR. O JOGADOR AINDA É QUEM TOMA A DECISÃO"

Gabriel Corrêa, *scout* do Pafos FC

Pressão: lições da psicologia na disputa de pênaltis será lançado em 2025 no Brasil

LIÇÕES NÃO APRENDIDAS

Assim como na Copa do Mundo do Catar, seleção brasileira foi eliminada em disputa de pênaltis na Copa América dos Estados Unidos, sem saber como lidar com 'o chute mais decisivo da carreira dos jogadores'. Quem avalia é o norueguês Geir Jordet, especialista em psicologia no esporte, autor de livro sobre a marca da cal

REPRODUÇÃO

Dorival acredita que críticas ao seu comportamento na eliminação foram exageradas

A disputa de pênaltis não é uma ciência exata, tampouco uma loteria. A análise de dados aponta o canto preferido dos batedores, a força que ele emprega na bola e até seu comportamento diante do placar adverso, por exemplo. Nada disso basta sem um acompanhamento psicológico para "o chute mais importante de suas carreiras". A análise é do norueguês Geir Jordet, autor de *Pressão: lições da psicologia na disputa de pênaltis* (tradução livre), em que é possível perceber uma semelhança crucial nas eliminações da seleção brasileira diante da Croácia na Copa do Mundo do Catar, em dezembro de 2022, e do Uruguai na Copa América nos Estados Unidos, em julho deste ano. Há alguns fatores por trás das batidas ruins de Rodrygo e Marquinhos, Éder Militão e Douglas Luiz.

Em ambas as situações, os auxiliares Cléber Xavier e Lucas Silvestre tomaram a palavra no círculo formado pelos atletas antes da disputa. Ali, os jogadores olhavam atentamente para as instruções previstas em um pedaço de papel ou em um tablet. O problema é que nem Tite nem Dorival Júnior, os comandantes do grupo, se comunicaram corretamente com seus jogadores. Pelo contrário, ficaram alheios ao momento. "Os brasileiros, talvez mais que os europeus, querem essa conexão. Pelo menos dê a eles um contato visual. Faça-os acreditar no processo que foi treinado e que aquilo dará certo", disse Jordet, que analisou todas as 35 disputas de pênaltis que aconteceram em Copas do Mundo até agora e por isso se lembra bem da vibração de Mario Jorge Lobo Zagallo nas semifinais contra a Holanda, em 1998. "Esse exemplo, o olho no olho de Zagallo com seus jogadores em momento de tanta pressão, era um dos que poderiam ser seguidos."

Jordet explicou que há formas de treinar a cabeça para a tensão da marca da cal e elogiou as novidades promovidas pela Inglaterra do técnico Gareth Southgate na Euro – no triunfo sobre a Suíça, cada batedor tinha um companheiro designado para deixar o círculo central e cumprimentar o colega após a cobrança, entre outros macetes. "Não digo que todo time tenha que ter um psicólogo. Digo que todo time tem que ter um psicológico bom. Pode reparar que os jogadores recebem água, isotônicos, suplementos alimentares, relaxamento, massagem, diversas ações para suas necessidades físicas, mas você não vê aspectos psicológicos sendo tratados ali. Há um abismo nessa relação", diz. Ainda nos EUA, Dorival minimizou a questão, se irritou com as críticas e disse não ver problemas em delegar tal função ao auxiliar. ■

O CHEFE DO CRISTIANO

O PERNAMBUCANO MARCELO SALAZAR RODOU O MUNDO ATÉ FINCAR RAÍZES NA ARÁBIA SAUDITA. DIRIGENTE DO AL-NASSR, ELE EXALTA A LIGA EMERGENTE E A CULTURA LOCAL – E RASGA ELOGIOS A CR7

Por: Luiz Felipe Castro / Design: LE Ratto

Ele nasceu no Recife, jogou futsal em diversos países da Europa (inclusive pela seleção portuguesa) e vive há mais de uma década no Oriente Médio. Marcelo Salazar, de 45 anos, é analista de mercado do Al-Nassr, tradicional clube de Riade que ganhou fama mundial com a chegada de Cristiano Ronaldo. À PLACAR, ele contou como é a vida na Arábia Saudita.

Como começou sua aventura pelo mundo árabe? Fui jogador de futsal, atuei pela seleção portuguesa e no fim de carreira fui para o Kuwait. Parei em 2012 e fui estudar para ser treinador. Tirei todas as licenças da CBF e conheci o Péricles Chamusca, que me convidou para ser seu assistente no Al-Faisaly, da Arábia Saudita. Vencemos a Copa do Rei e recebi um convite do Al-Nassr, à época treinado pelo Mano Menezes. Fui auxiliar, treinador interino e então passei à gestão executiva. Agora, com a chegada do [ex-jogador espanhol] Fernando Hierro para o cargo de diretor de futebol, passei a comandar o departamento de análise de mercado do Al Nassr.

Foi você quem tirou o Luís Castro do Botafogo ano passado? Sim (risos). Fui muito xingado nas redes pelos botafoguenses, mas é normal, torcedor é mo-

FOTOS ARQUIVO PESSOAL

Com Cristiano Ronaldo, Alex Telles, Anderson Talisca e Luís Castro nos treinos do Al-Nassr: conexão luso-brasileira

vido pela emoção. O Luís estava fazendo um bom trabalho, mas o mais decisivo foi sua capacidade de se adaptar a diferentes ambientes, pois já havia trabalhado bem em Portugal, na Ucrânia, no Catar e no Brasil.

A chegada de Cristiano Ronaldo foi mesmo um divisor de águas? Hoje a liga saudita é transmitida por mais de 150 canais e as redes do Al-Nassr saltaram de menos de 1 milhão para 20 milhões de seguidores. Depois dele, vários atletas passaram a considerar a mudança, como foi o caso do Bento. Já não é mais vista como uma liga para se aposentar ou "passar férias", é competitiva. Além dos atletas, temos treinadores com passagem por Premier League e grandes clubes. O próximo passo é melhorar a infraestrutura, a experiência do torcedor no estádio, desenvolver esse aspecto até a Copa do Mundo em 2034.

Como conseguiram convencer Bento, um goleiro de seleção brasileira, a ir para o Al-Nassr, mesmo tendo propostas de grandes da Europa? Quem assistiu à Eurocopa viu o nível do [zagueiro espanhol] Laporte em campo, e acho que isso por si só já é um grande argumento. O Bento vai ser bem treinado, exigido durante os jogos, vai ter pressão para vencer. E, lógico, não podemos negar o fator financeiro, a carreira é curta e às vezes as oportunidades batem à porta uma única vez.

No ano passado, o Laporte chegou a reclamar da Arábia Saudita, o Henderson deixou o país após seis meses. Realmente isso foi uma celeuma na época, mas é normal, acontece em todas as ligas, quando uma pessoa muda de país leva um tempo até se adaptar. Eu me lembro do [brasileiro] Viola quando foi para Valência, que é uma cidade maravilhosa, e disse que tinha que levar bolacha do Brasil para comer lá. Não existe lugar perfeito.

O governo saudita tem ligação direta com o desenvolvimento do futebol, certo? Sim, o fundo de investimento soberano comprou 75% de cada um dos quatro grandes clubes, mas existem grandes empresas investindo em outras equipes. Existe um plano, chamado Visão 2030, para desenvolver o país em várias áreas e atrair os olhares do mundo.

Fala-se muito sobre *sportwashing*, estratégia utilizada por governos autoritários de usar o futebol para limpar as denúncias de violações aos direitos humanos. A abertura na Arábia Saudita é real ou apenas propaganda? Eu vivo tranquilamente com a minha esposa e nossos dois filhos, que estudam lá. Moramos em Riade, falo árabe e gosto de conversar com os locais sobre cultura e questões como, por exemplo, de as mulheres poderem dirigir. Não é questão de propaganda, há uma mudança positiva, sempre faço um convite para que as pessoas conheçam a Arábia Saudita, é um país bonito, com muita história e superseguro. Claro que, assim como no Brasil, se você for para uma cidade pequena do interior, há mais conservadorismo, mas nas grandes cidades notam-se mudanças rápidas e para melhor.

Compara-se muito o mercado saudita com o da China, que não se sustentou. A paixão da torcida pode ser um diferencial? Com certeza. O árabe tem mais cultura de futebol. Tanto que Rivellino, Carlos Alberto Parreira, Zagallo e vários outros nomes passaram por lá há bastante tempo. Existem mesas-redondas na TV parecidas com as do Brasil, campos de várzea, pelada de rua, como chamamos em Recife. Não tem nada a ver com a China.

A média de público da liga, porém, não passou de 17 000... Há alguns fatores, como os estádios pequenos. A maioria dos estádios, como o nosso, comporta 25 000 pessoas. Os maiores estádios estavam fechados para reforma, e os clubes menores ainda não atraem tanto interesse.

Imagino que esta seja a pergunta que mais recebe: como é trabalhar com Cristiano Ronaldo? Muito fácil, porque você não precisa chamar a atenção dele. Às vezes ele que chama a sua, ele puxa o sarrafo para cima. Na semana seguinte à sua chegada, a academia estava mais cheia, todos queriam ver qual que era o segredo do sucesso e a ética de trabalho dele. Além do profissional, é um cara fora da curva, uma pessoa excepcional. Um pai de família, 100% dedicado. Tudo que prega, ele pratica. E adora os brasileiros, né, é educado e brincalhão, está sempre dando risada e chamando a gente de "mané".

Antes de chorar na Euro, ele também se emocionou em uma derrota do Al Nassr... Enquanto ele estiver jogando, ele estará comprometido. Às vezes até durante o treino, o auxiliar marca um impedimento, ele vai na câmera para ver se estava mesmo, quer sempre ganhar. Mesmo aos 39 anos, ele ainda fica bravo, deixa a emoção tomar conta e age explosivamente.

O primogênito dele, Cristiano Júnior, está na base do Al Nassr. Será que dá tempo de eles atuarem juntos? Sim, o Cristianinho foi campeão sub-15 e é bom de bola. Nunca perguntei se eles sonham em atuar juntos, mas creio que sim. Dá tempo. Eu não coloco limite em nada sobre o Cristiano Ronaldo. Enquanto estiver performando, ele vai estar em campo e imagino que uma de suas ambições seja jogar junto do filho, além de fazer o milésimo gol. São objetivos grandiosos.

Tem planos de um dia voltar ao país e trabalhar por um clube brasileiro? No futebol não dá para fazer tantos planos, né? O que eu planejei para minha carreira desde que parei de jogar futsal era trabalhar no mais alto nível do futebol mundial. Estou preparado para o que vier, se qualquer clube do mundo me chamar, para dentro ou para fora do campo, tenho certeza que dou conta do recado. Não fecho portas. ■

GETTYIMAGES

Fundo do poço: Bordeaux acumulou dívidas e perdeu estatuto de clube profissional

O VINHO AZEDOU

O BORDEAUX, CLUBE FRANCÊS QUE LAPIDOU TALENTOS COMO CANTONA E ZIDANE, FOI REBAIXADO À QUARTA DIVISÃO LOCAL E DECLAROU FALÊNCIA, REPETINDO A HISTÓRIA DE OUTRAS EQUIPES TRADICIONAIS

Por: Enrico Benevenutti
Design: LE Ratto

Quem viveu as décadas passadas se acostumou a ver o Girondins de Bordeaux como uma força do futebol francês, disputando títulos nacionais e até internacionais. Durante os anos 1980, foram três campeonatos e duas copas locais. Um rebaixamento no meio do caminho não atrapalhou a equipe do sudoeste francês que, em 1995-96, foi vice-campeã da Copa da Uefa (atual Liga Europa) apresentando ao mundo um jovem e talentoso meia chamado Zinédine Zidane. Didier Deschamps, Éric Cantona e o português Pauleta são outros ídolos do FCGB. Entre os brasileiros, Ricardinho, Wendell e mais recentemente Mariano, Pablo e Malcom envergaram a marcante camisa com um V no peito.

Nos últimos anos, porém, os famosos vinhos da região têm servido apenas para afogar as mágoas. Em 2022, veio o primeiro rebaixamento. No fim de julho, a Liga Francesa (LFP) reprovou as contas do clube, decretando, no mínimo, o rebaixamento à terceira divisão. A crise financeira era completa e o Bordeaux se viu obrigado a declarar falência, abrindo mão do estatuto profissional obtido em 1937. Com orçamento barrado pela Direção Nacional do Controle de Gestão (DNCG) da Liga para a disputa do campeonato, deu-se um definitivo rebaixamento à amadora quarta divisão (National II). Todos os jogadores tiveram o contrato rescindido e o centro de treinamento foi fechado. De acordo com a imprensa local, mais de 70 jovens em formação serão prejudicados por isso. Cenário inimaginável para um clube que, há 15 anos, reinava na França.

A crise financeira teve início justamente em 2009, após o hexacam-

SOFOOT

Gênio: Zidane se destacou no Bordeaux e foi vice-campeão da Copa Uefa de 1996

peonato francês. À época, o Bordeaux era controlado pelo grupo de TV francês M6. Os donos se empolgaram com a conquista e passaram a gastar mais do que o recomendado para ter um elenco competitivo, empilhando dívidas. O título da Copa da França de 2013 serviu para maquiar a irresponsabilidade. Dois anos depois, os girondinos trocaram o Estádio Chaban-Delmas pelo Matmut Atlantique, arena construída para a Eurocopa de 2016 que não só segregou parte da torcida, mas também aumentou as dívidas. Em 2018; a M6 passou o poder do Bordeaux ao grupo King Street, que tampouco obteve uma gestão de sucesso e sucumbiu aos percalços da pandemia de Covid-19. Foi assim que o clube francês chegou às mãos do polêmico empresário Gérard López, que se tornou dono dos girondinos em 2021, já colecionando uma série de fracassos no mundo dos esportes. O homem de negócios de Luxemburgo tentou comandar um projeto na extinta Lotus Team, na Fórmula 1, e também foi dono do clube francês Lille. Atualmente, também é dono do Boavista, de Portugal.

A torcida girondina nunca abraçou a gestão de López, que passou a ser alvo de constantes protestos. Em 2022, deu-se o primeiro rebaixamento, já com uma dívida de 40 milhões de euros (213 milhões de reais). A reprovação das contas geraria um descenso automático à Terceirona, não fosse um acordo com os credores aceito pela federação francesa – algo que não aconteceu desta vez. O FCGB fechou a última temporada na 13ª colocação da Ligue 2 e tentou evitar a punição até o último minuto, negociando com a empresa americana Fenway Sports Group (FSG), acionista do Liverpool. O negócio não saiu do papel, para o desespero da torcida.

O Bordeaux não é o primeiro grande clube a decretar falência e provavelmente não será o último (leia mais no quadro ao lado). De diferentes formas, todos se reergueram, o que serve de alento aos torcedores do Bordeaux. Agora em início de recuperação judicial, a expectativa girondina é conseguir alguns milhões de euros como financiamento para a temporada, estabelecer um plano social e reconstruir seu Centro de Formação. Para aqueles que acreditam que time grande não quebra, a história mostra o oposto. Cada vez mais, é preciso gestão profissional para figurar na elite da bola, seja em SAFs ou associações. Que o (mau) exemplo do Bordeaux sirva de alerta para os clubes do Brasil. ■

Avellaneda,1999: torcida do Racing foi responsável por evitar o fim do clube

EL GRÁFICO

DIAS DE LUTA, DIAS DE GLÓRIA

CINCO CLUBES QUE ENCARARAM A FALÊNCIA, MAS SE REERGUERAM

RACING

O terceiro maior campeão argentino decretou falência em 4 de março de 1999. Três dias depois, a torcida marcou presença no El Cilindro em manifestação popular histórica que reverteu a decisão estadual. *La Academia* virou SAF e superou a crise por completo somente em 2008

NAPOLI

O time de Maradona e Careca faliu em 2004, com 70 milhões de euros em dívidas, e caiu para a terceira divisão italiana. O famoso empresário de cinema De Laurentiis comprou e refundou o time, que recomeçou sua trajetória do zero até o ápice da conquista do *scudetto* de 2023

RANGERS

Os escoceses fecharam as portas em 2012, após o governo britânico recusar o processo de recuperação financeira. Comprado por um grupo de empresários, o time caiu para a quarta divisão e foi refundado. Dez anos após a tragédia, foi vice-campeão da Liga Europa

BORUSSIA DORTMUND

Após erguer a Bundesliga em 2001, o Dortmund se empolgou com os gastos e quebrou. Entrar na bolsa de valores foi um dos muitos erros administrativos que resultaram em bloqueios financeiros e a hipoteca do estádio. Até o rival Bayern chegou a emprestar dinheiro para ajudar na bem-sucedida recuperação

DEPORTIVO LA CORUÑA

Com uma dívida recorde à época, a equipe espanhola evitou a falência em 2013 ao chegar a um acordo com os credores 30 minutos antes do prazo. Desde então, tornou-se uma equipe gangorra e até caiu para a terceira divisão, retornando à segunda divisão em 2024

EDIÇÃO: LUIZ FELIPE CASTRO

PRORROGAÇÃO

CULTURA, MEMÓRIA & IDEIAS

MAURÍCIO COUTINHO

DANIEL RABELLO JORDÃO

ACERVO PESSOAL HUMBERTO FERREIRA

PROFECIAS PERNAMBUCANAS

HÁ 40 ANOS, OS DEFENSORES RICARDO (ROCHA), DO SANTA CRUZ, E ALBÉRIS, DO NÁUTICO, DESPONTAVAM NO FUTEBOL E SONHAVAM COM A CARREIRA DE SUCESSO NO SUDESTE

AS MURALHAS DE RECIFE

EDIÇÃO 719
2/3/1984

Um dos grandes zagueiros de sua geração, Ricardo Rocha celebrou em 17 de julho os 30 anos de sua participação no tetracampeonato mundial da seleção brasileira – um dos líderes do time, se lesionou na estreia, mas seguiu com o grupo até o fim da campanha nos Estados Unidos. Dez anos antes, o pernambucano que aliava técnica e firmeza em campo – e fora sempre esbanjou bom humor – fez sua primeira aparição na PLACAR, envergando a camisa tricolor do Santa Cruz, ao lado de outro prodígio local, Albéris, do Náutico. As "muralhas de Recife" tinham 20 anos, atuavam como laterais e tinham um sonho em comum: se destacar em uma grande equipe do Sudeste. "Essa foto é no quartel do Derby, da Polícia Militar. Éramos considerados as grandes revelações da época", diverte-se Rocha, aos 61 anos, ao rever as imagens na redação da revista em São Paulo. Felizmente, ambos cumpriram a profecia: Albéris passou por Portuguesa, Guarani e Palmeiras; Rocha foi além e brilhou por Guarani, São Paulo, Vasco, Benfica e Real Madrid, entre outros, e virou figurinha carimbada da PLACAR. "Sou o único zagueiro brasileiro a ter uma Bola de Ouro da PLACAR, depois de Figueroa (chileno do Inter), e Ancheta (uruguaio do Grêmio)", recorda. Confira a seguir a reportagem sobre os talentos da Cobra Coral e do Timbu.

As muralhas de Recife

Os laterais Ricardo, do Santa Cruz, e Albéris, do Náutico, eram juniores há um ano, hoje são os melhores de Pernambuco e sonham em jogar num grande time do sul

Por: Claudemir Gomes

No final de 1982, logo após o primeiro jogo da Seleção Pernambucana de Juniores no Campeonato Brasileiro, o quarto-zagueiro Ricardo puxou conversa com o lateral Albéris: "Se me derem uma chance, vou ser o titular do Santa Cruz no próximo ano. Quando eu entrar no time, não saio mais". Albéris tinha a mesma confiança: "Também sinto que 1983 vai ser meu ano no Náutico".

Pouco mais de um ano depois, considerados os melhores laterais do futebol pernambucano, Ricardo Roberto Barreto e Albéris José de Almeida, ambos com 20 anos, recordam felizes a conversa em João Pessoa e fazem, de novo juntos, planos mais ambiciosos para o futuro, em que não deixam de fora sequer o sonho de vestir a camisa da Seleção Brasileira.

Para Ricardo, a sorte aprontou uma surpresa: "O Santa Cruz ia estrear na Taça de Prata e não tinha jogadores para completar o banco. Apenas eu e o Luís Neto fomos como reservas. Aos 15 minutos de jogo, o Sergião, lateral-direito, se machucou e eu tive de entrar no improviso. Dei certo na nova posição e fiquei como titular. Minha vontade de jogar era tanta que eu teria entrado com a mesma disposição até no comando do ataque.

Como coincidências não faltam na carreira dos dois, o lateral-esquerdo Albéris também começou como quarto-zagueiro. Levado para os Aflitos pelo preparador físico Luciano Sabino Pinho, aos 16 anos, Albéris sempre jogara como quarto-zagueiro no subúrbio. Mas foi deslocado para a lateral-esquerda para preencher uma lacuna na equipe de juniores do Náutico.

"Antes, eu já havia feito testes, como quarto-zagueiro, no Santa Cruz", relembra. "Mas não deu certo e continuei batendo bola nos times do subúrbio. No Náutico, improvisado, ganhei num mesmo ano os títulos dos juvenis e dos juniores. Não havia por que pensar em voltar para a zaga."

Há ainda outras semelhanças no modo como estes dois jogadores pernambucanos encaram a sua profissão, principalmente a determinação e a confiança que têm em suas qualidades. Ricardo já passou por um susto: "Em 1980, sofri um acidente de carro e cheguei a desistir de jogar bola, com medo de ficar paralítico. Mas o Jonas Melo, do Santo Amaro, me deu a maior força e me convenceu a continuar. Ao

voltar a campo, senti que estava igual aos outros e resolvi fazer tudo para me superar e ir para um time maior. Pouco tempo depois, o Santa Cruz me contratou e meu desafio passou a ser ganhar a condição de titular. Sou um batalhador. Agora, minhas metas são jogar no sul e ir para a Seleção".

Pode parecer exagero de iniciante, mas Albéris pensa parecido e explica: "Nunca passou pela minha cabeça a ideia de que um jogador pode me desmoralizar em campo. No Náutico, tiveram muito cuidado para me lançar no time, com medo de que eu tremesse e ficasse com a carreira prejudicada. Mas eu nunca me intimidei e minha coragem em campo e minha frieza são comentadas pelos próprios companheiros".

No entanto, Ricardo e Albéris também têm suas diferenças e a principal delas está no estilo de jogo. O lateral-direito do Santa Cruz gosta mais de apoiar e tem ordens do técnico Lori Sandri para ir ao ataque e aproveitar seu potencial técnico, sua habilidade e seu domínio de bola. O lateral-esquerdo do Náutico apoia menos, embora seus próprios companheiros de time ressaltem suas qualidades técnicas e o incentivem. "O Albéris é muito habilidoso. O que lhe falta é um pouco mais de decisão para ir ao ataque", diz Zé Eduardo.

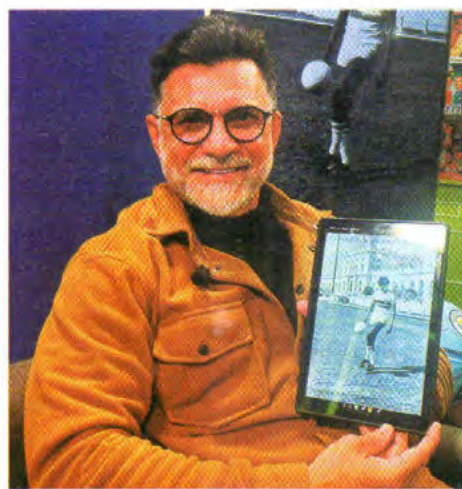
O lateral está mudando aos poucos: "Já estou me soltando mais. Eu só não vou muito à frente porque acho que o lateral só deve ir nas certas. Ele deve marcar primeiro para depois sair no apoio". Ricardo não concorda: "Apoiar é uma exigência do futebol moderno. Para isso, temos que ter versatilidade e devemos estar sempre atentos ao ponta".

E poderia tranquilamente acrescentar: principalmente se o ponta for um jogador habilidoso como Joãozinho, do Sport, que ele considera como o mais difícil de ser marcado. "Ele é muito liso, chega a escorregar. É preciso encostar nele e exercer a marcação individual."

Joãozinho também só tem elogios para Ricardo: "Ele é muito esperto e corre o tempo todo atrás da gente. Se o ponta foge da marcação, ele se transforma num atacante perigoso".

Albéris já pegou parada mais indigesta: no primeiro jogo da Copa Brasil, contra o Grêmio, marcou Renato. Mas gostou: "Marcar um ponta famoso é bom porque a gente se preocupa muito com ele, consegue o objetivo e ganha notoriedade". O próprio Renato vê um futuro brilhante para o lateral: "O Albéris me impressionou. É um grande marcador e, no meu time, seria titular. Marcador implacável, mesmo, eu acho que só tive um, o Diego, do Peñarol. O Wladimir é outro grande lateral. Depois deles, vem esse garoto".

É com este futebol elogiado e muita disposição que as duas jovens muralhas de Recife sonham em mudar-se, logo após a Copa Brasil, para um centro mais adiantado – de preferência Rio ou São Paulo –, para, logo em seguida, de novo estarem alimentando o mais feliz sonho de um jogador de futebol: vestir a camisa de Seleção. ■

MAURÍCIO COUTINHO

Ricardo e Albéris, em frente ao quartel da PM: tetracampeão relembrou reportagem na redação de PLACAR

AQUELES ANOS MÁGICOS

Em *Máquina do Carvão*, o jornalista João Lucas Cardoso narra os bastidores do esquadrão do Criciúma que, entre o fim da década de 80 e início da de 90, colecionou façanhas históricas

Mais de três décadas se passaram desde que o Criciúma se tornou a primeira e até hoje única equipe de Santa Catarina a conquistar um título nacional de elite. Dirigido por Luiz Felipe Scolari, o Tigre bateu o Grêmio na decisão da Copa do Brasil de 1991 e, além da taça, ganhou uma vaga na Libertadores do ano seguinte – dentre os vizinhos, só a Chapecoense repetiu o feito, em 2017 e 2018. A incrível história daquela equipe começara ainda em 1989, quando o técnico Levir Culpi começou a montar o elenco que se tornaria tricampeão estadual. Foram anos gloriosos no gramado do Heriberto Hülse, cujas arquibancadas voltaram a pulsar na Série A do Brasileirão em 2024, após dez anos de sentida ausência.

A história do Criciúma mais vitorioso de todos os tempos foi narrada pelo jornalista João Lucas Cardoso, em *Máquina do Carvão*. O livro tem 380 páginas, divididas em 42 capítulos, com direito a 30 entrevistas com atletas e outros membros do time. Os quatro gols que valeram título (os três Estaduais e a Copa do Brasil) têm as jogadas ilustradas, feitas por Junis Laureano. "Tentei deixar de lado o clubismo, mas sempre fui apaixonado por este Criciúma. Desde moleque, quando parou Santa Catarina nas finais da Copa do Brasil e, principalmente, na Libertadores de 1992", conta Cardoso. A história termina justamente com a eliminação para o São Paulo nas quartas de final do torneio continental.

Confira a seguir um trecho do capítulo sobre o título da Copa do Brasil de 1991.

Cada ano que passa fica ainda maior a conquista da Copa do Brasil de 1991 pelo Criciúma. O futebol avançou em incontáveis sentidos desde então. A competição foi junto. Passadas as três primeiras décadas desde a primeira edição, times frequentes nos maiores campeonatos do país e que disputam com assiduidade os torneios continentais tomaram conta dela. Revezam-se na lista de campeões. A galeria de vencedores da Copa do Brasil tem surpresas, é verdade. Porém, as mudanças de regulamento ao longo do tempo dificultam que aconteçam. No entanto, a Máquina do Carvão não foi casualidade. Foi no campo, recompensa de sua força. A taça é um patrimônio quase imaterial que reside no patrimônio físico do clube de Santa Catarina.

Chegou às mãos do capitão Itá em 2 de junho de 1991. Um domingo dos mais mágicos que o Heriberto Hülse já viveu. Porém, foi conquistada um pouco antes, em 30 de maio. No Olímpico, estádio que existiu por mais de 60 anos em Porto Alegre. Graças à cabeçada do zagueiro Vilmar. Autor do tento criciumense do 1 a 1 no jogo de ida. Na segunda partida, no Heriberto Hülse, a rede não balançou. Pelo regulamento, um empate na soma dos placares privilegiava o time que mais

JOSÉ DOVAL / ZERO HORA

marcou gols fora de casa. Anotar como visitante tinha peso maior no critério de desempate dos confrontos. Assim, o gol a quase 300 quilômetros da Capital do Carvão gravou para sempre o nome do Criciúma Esporte Clube na história do futebol do Brasil e da América Latina.

— O Grizzo é uma grande figura do Criciúma, foi um dos melhores com quem joguei na vida. Terminou o jogo no Olímpico e ele veio falar comigo: "Sabia que tu fez o gol do título?". Eu estava saindo de campo, eu e ele, o Cavalo do nosso lado. Eu respondi: "Que nada, tem o jogo em Criciúma. Lá a gente ganha dos caras. Muita gente vai fazer gol também". O Grizzo insistiu: "Foi o gol do título. Tu vais ficar marcado na história". Ele foi vidente. Quando acabou o jogo de volta, veio direto a mim: "Viu? O que eu falei pra você? Tu vais ficar na história, igual o Vanderlei e os outros caras que fizeram tantos gols. Isso nunca vai morrer" — reconta Vilmar.

Depois da classificação sobre o Remo, com o placar agregado de 3 a 0, o Criciúma esperou que se apresentasse o adversário da decisão. O Grêmio prevaleceu sobre o Coritiba na outra semifinal. A equipe de Curitiba representava um adversário recorrente, chegou a ser batida pelo Tigre na edição do ano anterior da mesma competição. O time gaúcho era diferente.

— O Grêmio não vinha tão bem. Tinha sido rebaixado à segunda divisão um pouco antes da decisão. O grande nome era o Maurício, atacante. O time deles estava tão desacreditado que o Olímpico nem encheu na final. O estádio ficou na metade da capacidade — conta o todo-campista Vanderlei.

— Diziam que estava mal, mas como iria para uma final de Copa do Brasil? Falavam que o Grêmio era fraco, mas não era. É um paradoxo. Como vai dizer que é fraco se está na final? Eliminou o Coritiba, o Flamengo. O Grêmio no mata-mata é o Grêmio — rebate Grizzo.

O Criciúma teve tempo até de sobra para a decisão da Copa do Brasil. Com a nova — e boa — fase na sua relação com os jogadores, Luiz Felipe Scolari tinha mais aceitação das estratégias que montava para cada confronto. Assim foi diante dos gremistas.

— O Levir (Culpi, técnico) montou a base da equipe, em 1989. Tem todos os méritos por isso. Mas entendo que o Felipão ajudou a ganhar o título pelo conhecimento de trabalhar em cima do adversário. Isso aconteceu desde as quartas de final. Lembro bem que íamos jogar contra o Goiás, Remo e Grêmio, e os treinos e trabalhos eram adequados a exatamente aquilo que o adversário era. Ele tinha muito isso — diz o volante Gelson.

— A gente não ia para Porto Alegre atropelar os caras. Era pezinho no chão. O Felipão fazia assim (como algo embaixo da axila) e dizia: "Regulamento debaixo do braço. Não vamos tomar gol. Não podemos tomar gol. Mas, se tomarmos, temos que fazer". Isso aconteceu — recorda-se o zagueiro Altair.

A estratégia do treinador não se resumiu ao regulamento que favorecia o time que mais balançasse a rede como visitante.

— O Grêmio tinha caído para a segunda divisão. Nós ficamos uns dez dias sem jogar. Aí começou a bater um desespero. Então, o presidente do Grêmio (Rafael Bandeira dos Santos) começou a dar entrevista dizendo que a gente estava sem ritmo de jogo, que a gente não ia conseguir vencer, que o time do Grêmio era bom. Cada entrevista que ele dava, o Felipão pegava o recorte de jornal e me pedia para eu pregar na parede. "Bota lá, Beto". Todo dia eu botava um negócio — recorda-se Beto Ferreira.

Alexandre; Sarandi, Vilmar, Altair e Itá; Roberto Cavalo, Gelson, Grizzo e Zé Roberto; Jairo Lenzi e Soares. A escalação que encaixou ainda nas quartas de final foi para o jogo mais importante de toda a história do Criciúma até então. Mas a equipe não foi sozinha para o Olímpico. O dia 30 de maio de 1991 foi de muitos deslocamentos de Criciúma a Porto Alegre.

[...]

Aos 13 minutos da etapa inicial, o Criciúma conseguiu uma falta pelo lado de campo. Dali, o incumbido de colocar na área era o volante Roberto Cavalo. O zagueiro Vilmar foi para a área cumprir sua função.

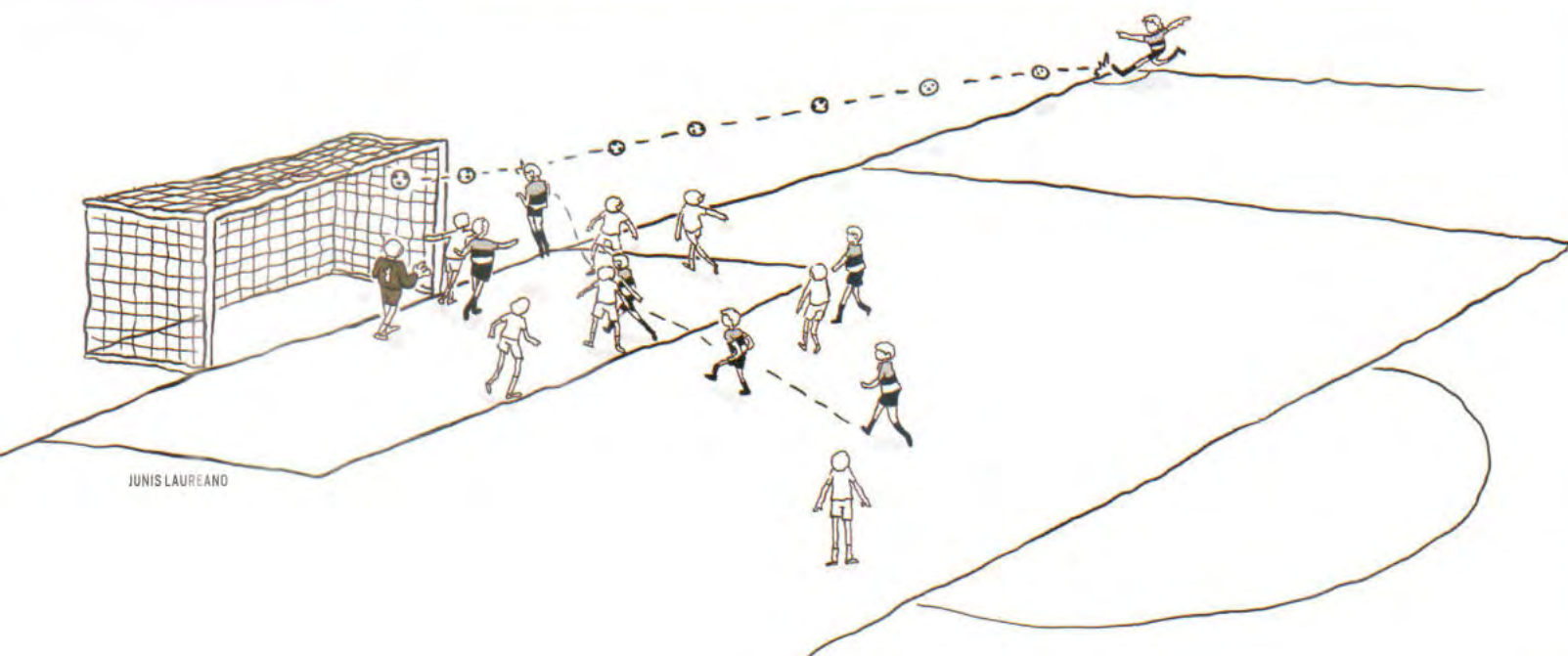
— Era uma jogada com o Cavalo que a gente trabalhava. Iam três ou quatro no primeiro pau para cabecear ou fazer a bola passar. Eu tinha que estar ali, era importante a minha presença. Eu tinha de abrir caminho para quem estava atrás. Eu fui e o Altair ficou — lembra Vilmar.

A jogada não deu certo. Logo depois dela, o zagueiro deu o pique para voltar para a defesa. Já com Vilmar distante da área adversária, a bola em disputa terminou com um escanteio no lado direito de ataque do Criciúma. Vilmar precisava subir ao ataque outra vez. O cronômetro marcava 14 minutos de partida. O minuto exato do Tigre no Olímpico.

Felipão e a sonhada taça: Criciúma passou por Galo, Goiás e Grêmio na campanha de 1991

JUNIS LAUREANO

NELSON COELHO

Começo e fim da história: a ilustração do gol de Vilmar em 1991 e a eliminação para o São Paulo de Raí na Libertadores de 1992

— Dei um tiro de uns 20 metros para voltar. Final, adrenalina, cansaço. Quando estou no meio de campo, voltando depois da jogada, teve o escanteio. Aí o Altair falou: "É escanteio, vai você". E eu disse: "Que nada, vai você. Acabei de ir lá agora, deixa eu dar uma respirada". E ele insistiu para que eu fosse: "Não, não, vai você". E eu respondi: "Não dá tempo, vai você". E ele assim: "Vai que dá, o Jairo Lenzi ainda está arrumando a bola". E decidimos: "Então, já que você não quer ir, eu vou". Fui indo devagar, para respirar. Quando o Jairo Lenzi estava correndo para bater eu chego na área grande. Eu estava atrasado — conta Vilmar.

[...]

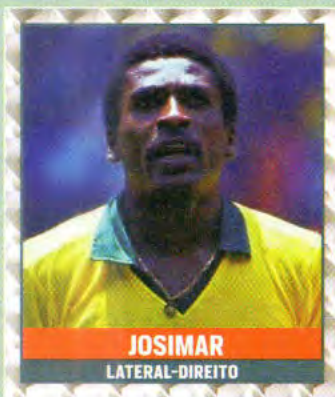
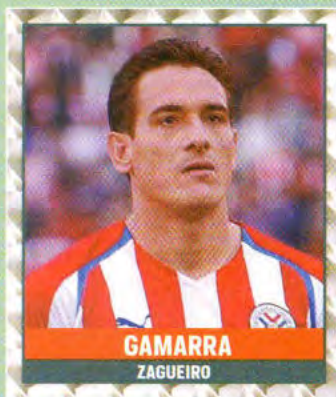
O cobrador do escanteio tocou a bola para fazê-la chegar alta. No primeiro pau. No milésimo da batida de Jairo Lenzi, o zagueiro ainda passava sobre a marca do pênalti. Estava a alguns metros atrás da posição designada. O pequeno atraso de Vilmar foi o grande passo para a conquista da Copa do Brasil de 1991.

— Quando o Jairo correu para bater, eu notei que estava atrasado e fora da posição. Enquanto a bola estava viajando, eu corri para estar no meu lugar. Partindo em velocidade, pensei: "Está vindo pra mim". Acho que se estivesse uns três metros para dentro da área, teria um zagueiro me agarrando. Mas, como vim de trás, fiquei fora de marcação. Virei jogador surpresa. Eu achei que ia só fazer a bola passar. Mas como estava na minha direção, certa, era para mim. Parece que a minha atrasada foi para chegar alto nela. Dei um pulo. Cabeceei meio que de lado. Tudo coincidiu, aconteceu ao mesmo tempo. Eu não acreditava que era pra mim. O Altair brigou muito para que eu fosse na bola. Deu tudo certo. Aí corri o campo inteiro depois do gol. Não tem cansaço quando se faz um gol, a emoção é maior — descreve o autor do gol do título da Copa do Brasil. ■

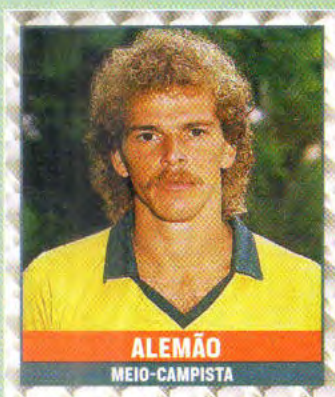
Máquina do Carvão: *história e bastidores do time de futebol do Criciúma, campeão da Copa do Brasil, que esteve perto de conquistar a América*, de João Lucas Cardoso, R$ 75 + frete (vendas pelo site www.carboeditora.com.br/doc/maquina-do-carvao)

‘NÃO TEM MEIA COM A VISÃO DO GANSO’

EX-ZAGUEIRO E TREINADOR MULTICAMPEÃO POR INTER, FLUMINENSE E OUTROS GRANDES CLUBES ELEGE SUA SELEÇÃO IDEAL DE ATLETAS COM QUEM TRABALHOU

Excepcional goleiro. Tinha uma saída de gol muito boa, um jogo com os pés muito bom. Era um atleta completo, jogava bem vôlei e basquete

Pela irreverência. Ele não queria saber qual era o tamanho do jogo, não mudava sua forma descontraída de jogar. Rápido e agressivo.

Senso de colocação fantástico, não perdia no um contra um, era bom na bola aérea apesar da altura. Ele antevia o que o atacante faria

O zagueiro mais técnico que vi. Saída de bola perfeita, por maior que fosse a pressão adversária. Saía tocando ou até driblando

Estreou no profissional comigo e, com 17 anos, já era nítido o jogador que ele viria a ser. Qualidade que dispensa comentários

Espetacular, um volante completo. Sabia o momento de fazer a falta tática, tinha boa recuperação e finalizava de média e longa distância

Nível excelente, muito inteligente, fazia o Fluminense jogar. Foi um verdadeiro líder, assumia responsabilidade tática e técnica

Me surpreendeu pela aplicação. Não tem no Brasil um meia com a visão dele, ele vê pelas estrelas, ‘pifa’ os companheiros com meio toque

Era diferente, nunca vi um jogador com tanta frieza para fazer gol, com ele o gol parecia aumentar de tamanho. O maior artilheiro que vi

O cérebro do time, jogava de atacante, de meia, e era minha voz dentro de campo. O mais inteligente com quem trabalhei. Saudade enorme

Nunca vi um jogador fazer tantos gols com grau de dificuldade tão grande. Eu dizia: como você conseguiu fazer esse gol?

Para mim, foi o melhor de todos por ter um olhar tático excelente, sabia tudo de como o adversário iria jogar

DANIEL RABELLO JORDÃO

O MELHOR JOGADOR DE TODOS OS TEMPOS

O texto a seguir foi o vencedor do 3º Concurso de Crônicas do Museu do Futebol, promovido em parceria com PLACAR. Ao todo, 696 inscrições válidas, um novo recorde desde o lançamento em 2022. O tema deste ano: O futebol na várzea. **Por: Viviane Ferreira Santiago**

Em 2004, durante a gravidez do João, eu já sabia: este garoto vai ser bom de bola. A forma fina e certeira com que chutava em cheio meu rim direito já previa: lateral-esquerdo. Daqueles de pontapé rápido e exitoso. Dono do chute que parte como um raio, atravessando o campo até os pés do atacante, que, de cara com o gol, solta o grito e corre para o abraço.

Imagine um jogo, só que este é de dados biológicos, em que o acaso determina o resultado. Assim é a Síndrome de Down, um capricho da genética que surge durante a divisão celular do embrião. Nas células humanas típicas, há 46 cromossomos organizados em 23 pares perfeitos. No entanto, em indivíduos com Síndrome de Down, o destino adiciona um toque a mais: um cromossomo extra, ligado ao par 21, totalizando 47 cromossomos. João nasceu prematuro, e a junção das condições nos cerceou de idas e vindas aos hospitais da cidade de São Paulo.

De tanto lutar pela vida, João ganhou a gana por ela. Queria ser artista, astronauta e bombeiro. Isso, até assistir pela primeira vez a um jogo de futebol de várzea no campo do Jardim Cruz Alta. Partida acirrada, Primus versus Favela Futebol Clube.

João não entendia as regras e torceu para os dois times, vibrando a cada gol, a cada drible. Eu, rindo à toa, feliz em ver a felicidade genuína nos seus olhos pequenos e arredondados.

Depois desse jogo, viramos torcedores assíduos do Favela. João aprendeu o nome de seus jogadores preferidos, enquanto eu os confundia sistematicamente toda vez que cortavam os cabelos.

João, agora, queria ser jogador de futebol. Não de um time consagrado, cheio de estrelas correndo pelo campo. Queria a várzea. Porque na várzea é tudo homogêneo, e João ri e comemora alto em todos os gols. Ganha ca-

"Queria ser artista, astronauta e bombeiro. Isso até assistir pela primeira vez a um jogo de futebol de várzea no campo do Jardim Cruz Alta"

misas das equipes e fica para o churrasco, onde come tulipas de frango, suas prediletas.

É um lugar daqueles que faz a vida da gente ser feliz por mais tempo.

O treinador do Favela, o Juarez, contou para o João que havia um time lá no Rio de Janeiro, o Realengo, cujo técnico era cego. E que no ano que vem, se tudo desse certo, queria formar um time muito especial, onde João seria o capitão.

João não deu muita importância à promessa, mas enlaçou sua mão com a do Juarez como quem sela um pacto.

O time especial do Favela nunca aconteceu; faltou apoio e sobrou preconceito de muitos lados.

Chorei escondida no banheiro, tamanha foi a frustração de saber que a mãe dos outros garotos queria fazer do João o mascote do time. Logo o João, que, na verdade, tinha a melhor direita de toda a formação e o coração mais bonito também.

Fui consolada por um reserva que cheirava a suor e desodorante Rexona, cujo nome eu nunca conseguia lembrar, mas que sorria largo quando via o João. Ele dizia que também tinha um irmão que carregava o cromossomo do amor.

João cresceu e fez administração. Todo domingo, ele me paga um sorvete na saída do jogo. Já aos sábados, ele não vai mais às partidas. Aos sábados, João visita a namorada, Camille.

E nessas horas, quando João está fora, fico pensando no quanto a várzea salvou inúmeros dos nossos dias. Calculando quantos sorrisos e esperança cabem em 90 metros de terra batida. ■

LEANDRO IAMIN

HÁ SAÍDA NO LABIRINTO

> **A CBF presidida via liminar é mais fraca do que o pai de seu mais robusto jogador e não encontra aderência com sua gente, que a associa a abandono e atraso**

Quando Maestro Óscar Tabárez chegou à seleção uruguaia em 2006, encontrou um cenário devastador. Para se ter uma ideia, a Associação Uruguaia de Futebol nem sequer tinha os telefones dos seus atletas. Uma empresa terceirizada cuidava da comunicação com os jogadores, que, uma vez na seleção, se queixavam até dos colchões, muito finos. Os problemas eram inúmeros. O técnico tratou de arrumar, ponto por ponto, não só o time em campo, mas toda uma cultura na qual se baseia o futebol daquele país. Até a obrigação de dizer "bom dia" ao cruzar com alguém na convivência do CT estava na cartilha.

A Argentina de 2018, farta de esperar um título, viveu, na Rússia, algo próximo do fundo do poço. A seleção tinha Messi, Di María, mas não tinha rumo. Jorge Sampaoli estava desmoralizado, os relatos indicavam que o elenco havia abandonado o técnico e, enquanto Maradona se divertia nos camarotes, o time argentino definhava dolorosamente. Acusações e insultos em público, desunião exposta, atuações péssimas e pouca perspectiva de um futuro vencedor nos poucos anos que sobravam para Messi com a camisa *albiceleste*.

Em qual medida essas duas histórias podem servir para o brasileiro ter alguma esperança de reviravolta no desolador estado atual de coisas? Exemplos ajudam e resultados sustentam. O Uruguai foi semifinalista da Copa em 2010, campeão continental em 2011 e pavimentou uma geração capaz de devolver a identificação máxima da Celeste. A Argentina não desperdiçou a final seguinte e, uma vez vencida a Copa América, montou um elenco que ama jogar junto e ganhou o mundo em 2022. O Brasil, hoje, pode não conseguir enxergar, mas está em um labirinto com saída. Há um caminho.

Me parece que civilizar o ambiente da seleção brasileira é mais difícil do que ganhar a Copa do Mundo. Vencer três jogos duros em dez dias é menos complexo do que limpar tantos vícios de ofício e relações comerciais, políticas e individuais que vulgarizam o lugar esportivo onde deveria haver excelência e impessoalidade. A CBF presidida via liminar é mais fraca do que o pai de seu mais robusto jogador e não encontra aderência com a sua gente, que a associa a abandono e atraso, quando não a coisas piores, como assédio e censura – foi um dia desses, não no século retrasado, que Yan Couto revelou a proibição de usar cabelo colorido e irritou os dirigentes, que queriam ser autoritários em sigilo, não em público.

Há talento. Há identidade, seja em Vini Jr. e sua corajosa investida contra os racistas, seja no prodigioso Endrick e em tantos outros nomes que, jovens ou nem tanto, pleiteiam o coração do torcedor – Dibu Martínez e De Paul, por exemplo, viraram o que viraram em 2022 sem estarem no time em 2018. Mudar toda uma lista de hábitos e códigos passa por soar antipático e causar certos dissabores. A seleção há tempos adia dar o primeiro passo. Resistiu por meses a ter uma psicóloga (parte do elenco era contra!) enquanto dá acesso livre a empresários, *influencers*, pastores e lobistas em geral que mais atazanam do que protegem os jogadores. E eles, os jogadores, precisam de proteção.

Proteção real, conectada com o mundo, não essa proteção de inimigos imaginários e fantasmas midiáticos. Essa relação está em disputa e há quem capitalize com a vilanização do torcedor, de quem os jogadores deveriam ter medo. A seleção brasileira sabe o que acontece quando pisa no Norte e no Nordeste. Eles sabem como uma Copa mexe com o país. Os rapazes por quem queremos ser conquistados estão detrás dessa grossa cortina de interesses. Eles e nós, cada um de um lado da cortina, enxergam o outro meio deformado.

Não contem comigo para colocar pregos no caixão. O Brasil não tem, como a Espanha, um modelo de jogo para praticar a longo prazo, nem um técnico que, "sozinho", encontre o caminho da glória. O Brasil não tem uma porção de outras coisas e vive se esquivando de resolver de verdade os seus problemas. No entanto, nossos vizinhos mostraram que a história pode mudar em poucos anos. ■

Rodrigo de Paul, símbolo da virada argentina: ao fundo, Rodrygo, que pode liderar tecnicamente o Brasil

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Leandro Iamin é jornalista, fundador do estúdio Central 3 e apresentador dos podcasts Meu Time de Botão, Meiocampo, O Som das Torcidas e Bundesliga no Ar